

AVM

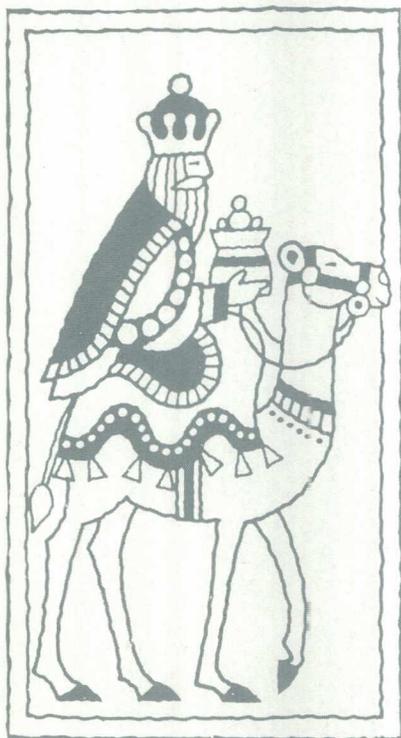
AVE MARIA — REVISTA MENSAL
ANO LXXXIX — Nº 12
DEZEMBRO 1987 — Cz\$ 15,00



NATAL

“Eis que eu vos anuncio uma grande alegria” (Lc 2,10)

Alceu Luiz Orso



Nesta noite o mundo recebeu o grande anúncio: “Nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo Senhor” (Lc 2,11). Neste momento celebramos a vitória para sempre da luz do Cristo, que abre a aurora de uma nova história.

O profeta Isaías, no seu célebre cântico messiânico, apresenta-nos a dura realidade: “O povo que andava nas trevas” (9,1), que é símbolo do nada e do mal, e neste cântico aparece uma luz com três grandes surpresas. A primeira é a alegria, uma felicidade quase instintiva (Is 9,2). A segunda é a luz de Deus, representada no texto de Isaías pela paz: “O seu império será grande e a paz sem fim” (Is 9,6a), e pela liberdade: “Ele firmará o seu reino e o manterá pelo direito e pela justiça desde agora e para sempre” (Is 9,6b). E por fim a grande surpresa: “Um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, a soberania repousa sobre seus ombros e ele se chama Conselhei-

ro admirável, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz” (Is 9,5).

E este cântico de Isaías se reproduz no Evangelho de Lucas nos relatos do nascimento de Jesus. A humanidade cercada por um clima frio e de sono, o anjo de Deus aparece dando-nos o maior de todos os anúncios: “Anuncio-vos uma grande alegria” (Lc 2,10), e com isto a paz adquiriu o seu passaporte definitivo para ingressar no mundo: “Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens que ele ama” (Lc 2,14).

E nesta criança a raiz de toda a esperança da humanidade, porque os seus nomes são extraordinários: “Salvador, Cristo, Senhor” (Lc 2,11).

E os primeiros a abrirem os olhos para ver o menino, os ouvidos para ou-

vir a “grande notícia” foram os pastores. “Todos os que os ouviam ficaram maravilhados com as palavras dos pastores” (Lc 2,18). Eles se tornaram os missionários de Cristo.

Para celebrar o Natal na sua verdadeira dimensão, precisamos deixar de lado todos os aspectos de sentimentalismo: velas, presentes, árvores luxuosas, bolas multicores... e descobrir nele o grande nascimento. Nascimento do Filho de Deus no interior da nossa história e das nossas coisas; o nascimento dele em cada irmão nosso, que nos traz a alegria, a paz de sermos todos filhos de Deus.

Na manjedoura de Belém inicia-se o processo da salvação e que terá a sua plenitude no sepulcro de Jerusalém. E esta luz que brilhou na noite de Natal volta a brilhar novamente na manhã da Páscoa, o dia da Redenção. O Natal nos convida a uma nova existência, a um verdadeiro e próprio nascimento interior. ●

- 2 * **EIS QUE EU VOS ANUNCIO UMA GRANDE ALEGRIA**
- 4 * **A IGREJA NO MUNDO**
Fatos e acontecimentos na vida da Igreja.
- 6 * **NATAL: TEMPO DE ESPERANÇA**
Os textos litúrgicos do Natal nos trazem mensagens de esperança, alegria e conversão.
- 7 * **ANIVERSÁRIO SEM ANIVERSARIANTE**
Se rejeitamos o Cristo no Natal, rejeitaremos o aniversariante.
- 8 * **NATAL SEGUNDO A IMPRENSA**
Não dá para entender Natal sem Jesus, Maria e José.
- 9 * **O PRIMEIRO PRESÉPIO**
Como foi montado o primeiro presépio do mundo.
- 10 * **MUDAMOS AMBOS**
As mudanças com relação ao Natal.
- 11 * **OS JOVENS DE HOJE DIANTE DAS GRANDES DECISÕES**
A juventude e a realidade social em que vive.
- 14 * **A PALAVRA DO PAPA**
Servir o pobre é recompor a dignidade humana.
- 15 * **BÊNÇÃO DO HOMEM, BÊNÇÃO DE MARIA**
A verdade sobre Maria.
- 18 * **NATAL: NASCER E RENASCER A CADA DIA**
É preciso cristianizar novamente o Natal.
- 19 * **SANTA MARIA DA BOCA DO MONTE**
Seção cidades que têm o nome de Maria.
- 21 * **O LEIGO E A MISSÃO**
O leigo também tem seu lugar na Igreja.
- 22 * **SERVIÇO AOS MIGRANTES**
Um projeto ousado.
- 24 * **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
Um Natal diferente.
- 26 * **ALCOOLISMO: A DOENÇA QUE PODE ANIQUILAR; AL-ANON: A IRMANDADE QUE PODE SALVAR**
- 27 * **A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA**
- 31 * **CONSULTÓRIO POPULAR**
Questões de fé e de religião.
- 32 * **AS FRONTEIRAS DA MARGINALIDADE**
Como resolver o problema da marginalidade.
- 33 * **COLUNA DO MENOR**
- 34 * **QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!**
- 35 * **CAMPANHA DO SORO CASEIRO**
- 36 * **MARIA, SEMPRE GRÁVIDA**

Menino Jesus: presente de Maria

A simples menção do Natal desencadeia magicamente otimismo e alegria. Quer pelo sentido religioso da comemoração, o nascimento de Jesus, para os que têm fé, quer pelos festejos animados pela troca de presentes e feriados proporcionados pelo evento.

O tempo em que vivemos, contudo, não é dos melhores. O país vive momentos de aflição. Externamente o governo fechou um difícil acordo econômico com os grandes senhores do capital. Internamente os sucessivos planos econômicos não surtiram o efeito esperado, e o resultado, em síntese, é a perda do salário real em torno de 35% só neste ano. Isto é, se um ano atrás determinado salário era suficiente para se viver dignamente durante um mês, hoje o mesmo salário, mesmo com os reajustes do governo, só dá para manter o mesmo padrão de vida por 20 dias.

Enquanto isso, no coração do Brasil os constituintes elaboram a nova Constituição. E tristemente vemos que interesses pessoais e de grupos políticos e econômicos trabalham para garantir egoisticamente seus privilégios, esquecendo-se de que foram eleitos para estruturar a Carta Magna no sentido de salvaguardar o direito e a justiça para todos indistintamente.

É o que poderíamos dizer, um tempo obscuro, sem esperança, no qual as sombras da opressão são mais espessas.

Mas o presente que Maria nos dá nos diz que nem tudo está perdido. Em Jesus Cristo, Deus está conosco, e com Ele se reacende em nós a esperança de dias melhores e a confiança.

O Natal de Jesus celebrado com fé nos mostra que Deus gratuitamente se doa, assumindo nossa natureza humana, em condições semelhantes às dos mais humildes e pobres da história, desprezando assim todo tipo de egoísmo. Com isso Jesus reintegra os miseráveis a uma sociedade justa, a família de Deus, pois sistematicamente são excluídos das sociedades materialistas.

No Natal celebramos a presença de um Deus forte, que vence o mal e o pecado e consolida seu poder com o direito e a justiça. O nascimento de Cristo é o presente de Deus para os homens, uma luz com a qual se pode ver outro caminho, o da unidade, da partilha, da paz, desprezado pelos Césares, Herodes e fariseus de sempre porque estes só pensam em si.

O Natal, para os cristãos de verdade, é celebrado com a fé de que Jesus Cristo renasce no coração para nos fazer crescer em misericórdia, na mente para nos dar esperança e coragem na luta necessária para a construção do reino de Deus que também é nosso.

O principal presente que vamos dar aos nossos irmãos neste Natal é a coerência da nossa fé, espelhados em Jesus Cristo, sem se intimidar pela opressão institucionalizada, encorajados pelo testemunho do Mestre, na esperança e na alegria dos que sabem que, em Jesus Cristo, Deus está conosco. Esta é a lição do Menino Jesus, presente que Maria nos dá no Natal.

P.C.G.

am
avemaria

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda.

Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Fundada a 28 de maio de 1898. Registrada no S.N.P.I., sob n.º 221.689, no S.E.P.J.R., sob o n.º 50, no R.T.D., sob n.º

67, e na DCDP do DFP, n.º 199, P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3.º e 4.º andares. (Tel. (011) 66-2128 e 66-2129) Cx. P. 54.215 (CEP 01.227) - São Paulo, SP.

Composição, Fotolito e Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda., Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque - CEP 01.226) - São Paulo.

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da Revista Ave Maria. — A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinatura, são feitas por banco e pelo correio.

Preços: Números avulsos Cz\$ 15,00/- Renovação de Benfeitor: Cz\$ 200,00. Ass. de Benfeitor Cz\$ 250,00.

Diretor Responsável: Cláudio Gregiani (MT n.º 14696)

Aborto: crime e perigo

São Paulo (CIC). Dom Luciano Mendes de Almeida afirmou recentemente em Itaici (SP) que o número de abortos realizados todos os anos no Brasil, cerca de 4 milhões, já supera o de nascimentos, 3,85 milhões. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1980 cerca de 500 mil brasileiras morreram por causa de infecções decorrentes de abortos mal-sucedidos. Este número se refere só aos casos que deram entrada em hospitais da rede pública. Não há, porém, números exatos sobre o aborto, como também não há das mortes decorrentes desta prática e das seqüelas deixadas por uma intervenção mal feita. Há na Assembleia Constituinte fortes defensores da legalização de tal prática, que propõem justamente um programa educativo de contracepção. Para o cirurgião Evaldo Assumpção, num país onde a Previdência Social não dá conta de resolver os problemas de saúde pública, o aborto seria mais um item a não ser cumprido: o problema não seria resolvido. Já a socióloga Eliane Stefani defende o aborto, mencionando experiências "não-problemáticas" de mulheres que tomam decisão autônoma e assumem seu atc. A Constituinte poderá não legalizar o aborto, mesmo assim ele continuará existindo. Será preciso, como afirma o Jornal Lar Católico, intensos debates e

esclarecimentos entre as duas partes. Um debate que considere em primeiro lugar o feto como uma vida que precisa ser protegida.

Igreja catarinense lança manifesto

Florianópolis (CIC). Bispos de Santa Catarina lançaram um manifesto contra a demora da Reforma Agrária. Após ressaltarem o valor das CEBs e dos Movimentos Populares, "denunciavam as situações de pecado que não coadunam com o Projeto de Deus"; aqui enumeram os interesses de grupos econômicos e políticos na defesa de seus interesses próprios, as tentativas de impedimento da Reforma Agrária, a disparidade salarial, o desemprego, os assentamentos e as barragens, os menores carentes, a marginalização do povo nas decisões tomadas "em seu nome", o autoritarismo que gera violência e medo e a desagregação da família. O documento é assinado por 10 bispos da Capital e do interior do Estado.

Católicos em Timor Oriental

Dili (CIC). A população católica de Timor Oriental, Ásia, país que desde 1975 pertence à Indonésia, chega a 500 mil pessoas, numa população total de 650 mil. Houve um aumento de 40% nos últimos 11 anos.



A IGREJA NO MUNDO

Situação do Peru analisada

Lima (CIC). 304 sacerdotes do Peru se reuniram para elaborar um documento onde analisaram os principais problemas do país. O principal foi reconhecido como sendo a pobreza que se converteu na pior violência da pátria, fruto principalmente da exagerada concentração do poder político e econômico nas mãos de pequenos grupos privilegiados. Criticaram a violência terrorista, acentuando também que não é dever do estado responder "indiscriminadamente e irracionalmente como é de costume". Falam ainda, por fim, da urgência de se acabar com as divisões sociais e econômicas e da necessidade de se ter uma liberdade total e não somente uma liberdade que vise uma minoria.

Campanha quer salvar crianças

Brasília (CIC). Segundo estatística apresentada pela CNBB, morrem anualmente no Brasil 60 mil crianças menores de um ano de idade, devido unicamente à desidratação. No Nordeste, de cada mil crianças, morrem 105. No Maranhão este número é de 300. A maioria destas mortes é provocada pela diarreia. Devido a esta situação alarmante, em outubro passado foi lançada pela mesma entidade a Campanha do Soro Caseiro. A CNBB convida e convoca todos os agentes da Pastoral da Saúde e da Pastoral da Criança a se engajarem no bom desempenho desta campanha. Dom Luciano, presidente da CNBB, disse que a campanha "é uma ação concreta em prol da vida" e que "milhares de mortes prematuras de crianças brasileiras podem ser evitadas por meio de medidas tão simples quanto esta do soro caseiro".

FOTO DA CAPA

Foto da capa: NOSSA SENHORA MADRINHA. Tela de Rosina Becker do Valle. "O meu desejo — diz Rosina — quando pinto um quadro é que ele transmita ao espectador uma sensação de amor e paz interior, que se imagine passear através das minhas tranqüilas florestas ou seguindo os três Reis Magos para assistir ao nascimento do Cristo". "Todos nós, mesmo adultos, temos em algum cantinho do nosso coração um pouco de criança: ...a ingenuidade e a simplicidade da infância. Que bem faz à alma da gente alguma coisa que nos reconcilie com o perturbar do mundo em que vivemos?"

UDR no governo

Brasília (CIC). Segundo uma pesquisa, no Congresso Constituinte encontram-se pelo menos 56 deputados e senadores ligados à UDR (União Democrática Ruralista). Ronaldo Caiado, presidente da entidade, diz que o número é de 60 a 70. Ele afirma que, se preciso for, os latifundiários ligados à UDR estão dispostos a vender até 10% de suas propriedades e usar este dinheiro para pressionar os Constituintes contra a Reforma Agrária. Já fora distribuído um documento em todo o país, onde a UDR ataca violentamente a CNBB, a CPT, a CUT e o PT. Ensina como evitar a desapropriação de fazendas e também recomenda aos fazendeiros a contratação de "vigilantes" — pistoleiros. Esta entidade, apesar de ser contrária aos anseios da grande maioria do povo brasileiro, especialmente dos pequenos produtores rurais, tem livre acesso aos órgãos federais. Recentemente, Ronaldo Caiado foi recebido em Brasília pelo ministro da Agricultura, Iris Rezende, pelo ministro chefe da Casa Civil, Ronaldo Costa Couto, e pelo ministro chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes, além de ter recebido elogios do presidente José Sarney. A UDR investiu e investe muito dinheiro no Congresso Constituinte e tem sido a responsável por muita violência e mortes no campo, na maioria das vezes com a colaboração da "justiça" e do governo. Em 1985 cerca de

320 pessoas morreram em conflitos entre trabalhadores rurais e latifundiários; em 1986, cerca de 220, e em 1987 já ocorreram mais de 50 assassinatos, além de 120 casos de ameaças de morte, especialmente contra bispos, agentes de pastoral e sindicalistas.

Pobreza na Colômbia

Bogotá (CIC). Segundo um documento publicado pelo Departamento Nacional de Estatística, intitulado "Grandiosidade da Pobreza na Colômbia", cerca de 45% da população deste país vive na pobreza, ou seja, mais de 13 milhões de habitantes num total de 29 milhões. Destes, cerca de 12 milhões vivem no campo e mais de um milhão se centra na Capital, Bogotá. Uma grande parte, 43%, já é considerada pobre-miserável. Incluem-se também dentro destas cifras 5 milhões de crianças menores de 15 anos.

A presença da mulher

Roma (CIC). A presença da mulher foi um dos temas discutidos no atual Sínodo, em Roma. Dom Rafael Muñoz Nuñez, bispo de Aguascalientes, México, apresentou a situação da mulher latino-americana: Na América Latina há milhões de mulheres marginalizadas da sociedade e da cultura; e na Igreja não se lhe concede a oportuni-



A IGREJA NO MUNDO

dade de uma participação plena. Dom Rafael afirmou ainda que a mulher é o rosto amável e doce da Igreja, a que melhor vive e projeta sua virgindade e maternidade fecundas. Deste inesgotável filão a Igreja tem recebido energia, impulso, afeto, fervor e dinamismo. E no entanto, não tem sido permitido a ela desenvolver toda a sua capacidade de doação e realização. Na sociedade a mulher já encontra quase

todas as portas profissionais abertas à sua participação. Esta participação da mulher na sociedade é um autêntico sinal dos tempos modernos.

Missionários latino-americanos

Bogotá (CIC). Existem atualmente 2 mil missionários latino-americanos trabalhando em outros continentes, principalmente na África e na Ásia. São 900 missionários e missionárias do México, 400 do Brasil, 200 da Colômbia e 80 do Chile.

Feliz Natal, leitor amigo!

Com este número encerramos mais um ano e queremos cumprimentar a todos os que de alguma maneira estão ligados à revista Ave Maria. Aos leitores que nos têm prestigiado com a leitura e conosco têm refletido sobre as exigências do Reino de Deus; aos assinantes que, atentos às contínuas dificuldades de toda ordem da imprensa católica, colaboram, antecipando-se na renovação da assinatura; aos benfeitores claretianos que nos apóiam e ajudam as vocações religiosas, assim como a seus familiares; aos nossos articulistas que com os seus conhecimentos, suas experiências, observações e reflexões colaboram na redação da revista; aos Irmãos Propagandistas e Representantes, que com dedicação e empenho a divulgam; aos nossos auxiliares da gráfica que trabalham para que ela se aperfeiçoe; e àqueles, enfim, sem os quais não conseguiríamos transmitir a mensagem cristã a tantos leitores de boa vontade.

Desejamos a todos a Paz de Cristo anunciada pelos anjos. E que as mensagens de amor e paz do Natal os confortem e os guiem com segurança pelos caminhos do novo ano.

Que renasça em todos a esperança, a coragem e a alegria, com a lembrança de que Deus está conosco e vive no meio de nós.

FELIZ NATAL! FELIZ ANO-NOVO!

A direção e a redação da revista Ave Maria

Natal: tempo de esperança

Pe. Vitor Pedro Calixto dos Santos, cmf

“**Ó** Deus, que reacendeis em nós cada ano a jubilosa esperança de salvação, dai-nos contemplar com toda confiança, quando vier como Juiz, o Redentor que recebemos com alegria” (Coleta da Missa vespertina da vigília do Natal).

Todos os anos nós, os cristãos, iniciamos com esta oração litúrgica a celebração da grande festa do nascimento de Jesus. Cada ano se renovam a alegria e a esperança que brotam de nossas assembléias festivas. Todos cantam, louvam a Deus e desejam-se em todo canto o tradicional *Feliz Natal*, acompanhado com a troca de cartões e de presentes.

Tudo isso acontece e não parece novidade numa sociedade que quer produzir e vender cada vez mais nestas ocasiões festivas. E por isso é que ano após ano parece que sutilmente a verdadeira alegria vai sendo substituída por um entusiasmo efêmero que não nasce do verdadeiro motivo de nossa celebração. E qual é este motivo?

“O povo que andava nas trevas viu uma grande luz. Sobre os que habitavam a região tenebrosa começou a brilhar a luz... pois NASCEU-NOS UM MENINO, UM FILHO NOS FOI DADO... o poder repousa sobre seus ombros, ele é chamado Conselheiro admirável, Deus forte, Pai perpétuo, Príncipe da paz... ele consolidará o seu reino com o direito e a justiça” (Is 9,2-4.6-7 — 1ª Leitura da Missa da noite de Natal).

Aqui temos o motivo pelo qual vale a pena celebrar as festas natalinas: é que “Nasceu-nos um menino, um filho nos foi dado”, e este filho, este menino, é aquele Messias esperado durante séculos pelo povo de Israel — ele é Jesus, o Emanuel —, o Deus-Conosco, porque assumiu em tudo a condição humana e por isso nasceu na pobreza de uma manjedoura em Belém. E seu nascimento é anunciado com grande



solenidade: “Eis que vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo. NASCEU-NOS HOJE UM SALVADOR, que é o Cristo, na cidade de Davi. (...) Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens que ele ama” (Lc 2,1-14 — Evangelho da Missa da noite de Natal).

Estes dois textos bastam para vermos que o Natal não é a festa dos presentes, mas do PRESENTE, do grande dom que Deus nos deu — seu Filho e nosso Salvador. É a festa em que se anuncia e se faz presente a luz, a alegria e a esperança, porque temos uma prova do amor de Deus por todos os homens. Se, por um lado, esta é a conclusão que tiramos, por outro vemos que a luz que brilha nas trevas nos possibilita ver claramente a realidade. Ela mostra que a grande maioria dos homens ainda não conseguiu se erguer da região tenebrosa da pobreza, da marginalização, em que tantas crianças abandonadas, jovens desorientados, indígenas e afro-americanos marginalizados, subempregados e muitos outros ainda não conseguem compreender o amor de Deus por eles. Por isso, mais que nunca este Natal é o sacramento, a memória, a atualização da Boa Nova que o profeta Isaías e o evangelista Lucas nos proclamam na

liturgia — este Natal é a festa da esperança, e da esperança que não decepciona, que não nos aliena e nem nos tira fora de nossa história porque nos submerge mais profundamente nela, porque é contestação de todas as ambições presentes nos esforços para fazer presente o Reino em nosso mundo.

Natal — festa da esperança, festa do anúncio de alegria e júbilo para todos os que não podem expressar com o sorriso nos lábios a paz interior, para todos os que não podem sentir na sua pobreza e nas suas necessidades mais fundamentais o amor de Deus pelos homens. No entanto, todos estes podem, sem dúvida, ver reacender sua confiança e esperança, pois este Jesus que nasce recompensará a cada um que soube dar de comer, dar de beber, vestir, acolher e visitar os mais abandonados por causa de seu nome. Podem reacender sua esperança porque este Jesus que nasce redimirá e libertará todo aquele que soube com suas ações mostrar aos pobres desta terra que Deus os ama e que esta sua atitude brotou da verdadeira celebração do Natal onde foi capaz de reconhecer naquela pobre criança da manjedoura a presença de Deus entre nós, o Emanuel Jesus o Salvador.

Como vemos, cada oração, cada texto das celebrações litúrgicas do Natal nos trazem a mensagem da esperança, da alegria e da conversão e ação a partir do Reino que se faz presente no Emanuel. Nós que vimos este grande mistério da nossa libertação não podemos de modo algum ficar com os braços cruzados e é por isso que rezamos: “Ó Deus onipotente, agora que a Luz do vosso VERBO ENCARNADO invade o nosso coração, fazei que MANIFESTEMOS EM AÇÕES o que brilha pela fé em nossas mentes” (Coleta da Missa da aurora).

Assim seja. Feliz Natal!

Aniversário sem Aniversariante

José Wanderley Dias

De princípio, parece um absurdo, um contra-senso falar-se num aniversário sem aniversariante. No entanto, o absurdo acontece, o contra-senso se repete. Há festas para celebrá-lo. De muitas delas, porém, ele seria simplesmente escorraçado. O que não lhe seria novidade.

No seu nascimento, já fora assim.

Nenhuma casa se lhe abriu. Ele, que trazia consigo a luz, que era a própria luz, não teve direito ao fogo de uma lareira, à luz de uma vela, de uma candeia que fosse.

Se voltasse hoje, não seria muito diferente. Como disse, haveria festas. Algumas especialmente fartas. O peru tostado, a iluminação farta, o arminho, o presente.

O vinho generoso. Os abraços. O tom de alegria.

E se ele batesse a certas portas? Será que o reconheceriam? E, se o reconhecessem, dar-lhe-iam os panos que iria buscar para vestir sua nudez? Convidá-lo-iam à mesa para que matasse sua fome de aniversariante? Ou o temerariam de novo? Embora ele viesse falar de amor e em nome deste tivesse vindo.

É hora de estupendas festas, porém. Festas cujo barulho, como estourar de champanhe, talvez seja para ocultar o pensamento incômodo de que não há amor sem justiça, de que não há justiça sem amor.

E é injusto esquecer o aniversariante. Ele, como qualquer aniversariante. Principalmente os que lhe são iguais, em angústia, em negativas, em portas que lhes são fechadas. Principalmente as portas humanas. Não diria nem a da inteligência, que pode ser vaidosa. Mas do coração, que tem de ser humano e nem sempre o é.

Paz aos homens de boa vontade. E que é boa vontade? Primeiramente, a vontade de ser bom.

Será que a temos? Ou a trocamos pelo nosso conforto, pela nossa festa, pela nossa condição?

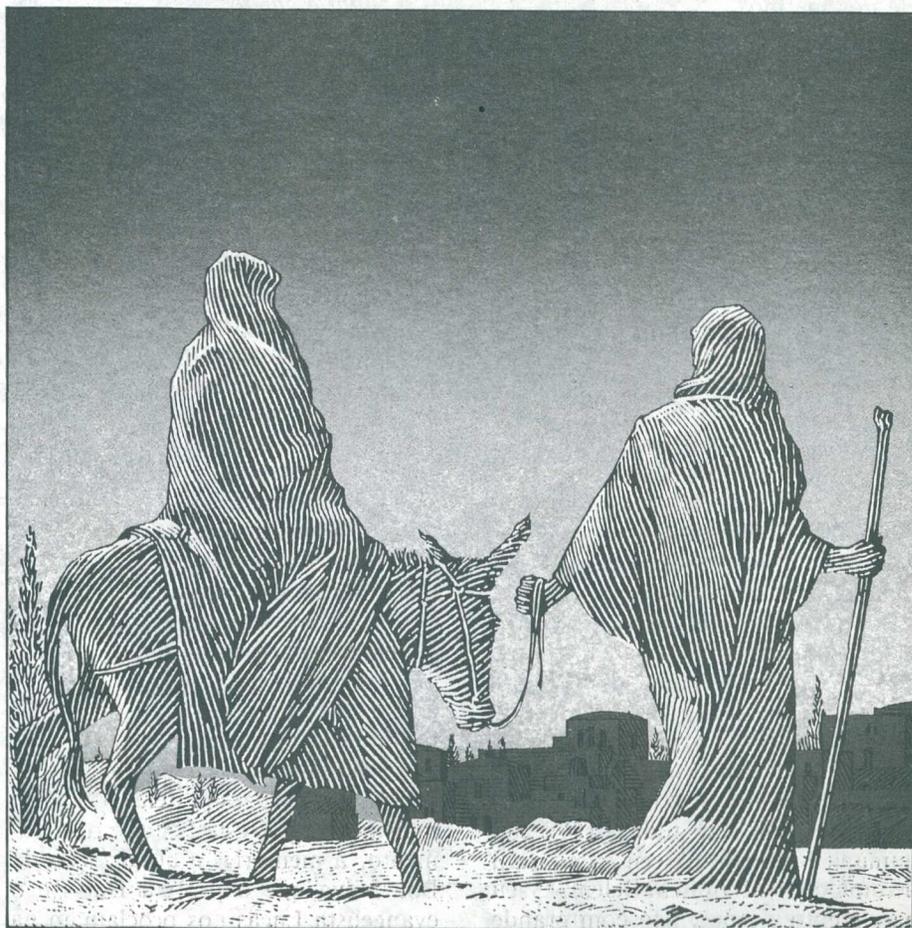
Ele vem sereno dentro da noite. Mas vêem nele uma ameaça. É porque, com seu próprio exemplo, ele prova que o excesso de muitos não cabe, não é justo, não é aceitável ante a penúria, ante a miséria, ante a própria morte abandonada de tantos.

Os grandes, os poderosos não o confessam, mas têm medo dele. Jus-

tamente de sua pobreza, de sua desambição, de sua capacidade total de entrega, de doação, de sacrifício.

É que sabem que exemplos assim são seguidos; é que sabem que quem é capaz de morrer para cumprir aquilo para o qual nasceu cria seguidores, inspira amigos que também morreriam por ele.

O primeiro cabeça-coroada do tempo em que ele chegou temeu-o. Porque pensou, erradamente, que o recém-nascido talvez um dia, quando crescesse, lhe tomaria a coroa, o manto, o mando.



Não era nada disto, evidentemente. Mas era preciso evitar a ameaça que o menino da paz trazia.

Por isso mandou matar todos os que lhe eram iguais. E sabia o que fazia. Porque cada um dos inocentes tinha consigo algo do menino que nascia. Hoje é a mesma coisa. A voz de quem pede, a voz de quem clama, a voz de quem chora é a mesma voz do menino que aniversaria e que é rejeitado. Porque, em si, ele é o protesto mais eloqüente contra o desvio da moeda da viúva e do fantoche para que haja festas fantásticas e um sem-número de mesas vazias.

Nada há a temer, porém. Porque ele vem em nome da Paz. Porque ele significa união, desprendimento. Porque vem renovar o mandamento: o de amar-nos uns aos outros. Porque vem outra vez ensinar-nos que o próximo é o sinal de nosso compromisso de fazer o mundo melhor, com a melhora de nós mesmos.

Vem para seu aniversário. Uma festa no coração de cada um. Se cada coração não for a gruta em que ele nasceu, ele deixará de renascer ali. Esta a única festa de aniversário que ele deseja. O encontro com seus irmãos. Conosco. Comigo e com você. Porque é aniversário. Em que é preciso receber o aniversariante.

Que se chama Jesus.

De Belém.

De cada cidade, seja qual for o nome.

E, principalmente, dos que nem direito a nome têm. E que, por isso mesmo, têm mais direito de celebrar, como seu, o aniversário dele. Que não poderá entrar onde não for convidado. Ainda que a festa de aniversário devesse ser dele.

E que, se nós rejeitarmos, será um aniversário sem aniversariante. E, por isso mesmo, vazio. Tão mais vazio quanto mais vazios estiverem reunidos na festa que deveria ser dele, mas não será. Feliz aniversário, Jesus. Chamado o Cristo. Ungido pela nossa esperança, trazido pelo nosso convite... ●

NATAL SEGUNDO A IMPRENSA

Pe. André Carbonera, cmf

Poxa! Final de mais um ano...

O tempo não espera... Voa...

As festas natalinas estão à porta, mais uma vez.

Novamente, o Natal é apresentado como simples COMÉRCIO.

Afinal, é o que a imprensa mostra... Lógico, há exceções...

Muito, muito raras...

Façamos um retrospecto.

Natal é Papai Noel branco...

Natal é Papai Noel vermelho...

Natal é Papai Noel azul...

Natal é Papai Noel verde...

Mas cadê o Menino Jesus?!...

Natal é peru...

Natal é galeto...

Natal é churrasco...

Natal é uísque...

Mas cadê o Menino Jesus?!...

Natal é cerveja...

Natal é guaraná...

Natal é bombom...

Natal é bolo...

Mas cadê o Menino Jesus?!...

Natal é pernil...

Natal é comer...

Natal é beber...

Natal é encher a cara...

Natal é pintar a casa...

Mas cadê o Menino Jesus?!...

Natal é calça nova...

Natal é camisa nova...

Natal é sapato novo...

Natal é saia nova...

Mas cadê o Menino Jesus?!...

Natal é cartão...

Natal é fonograma...

Natal é telegrama...

Natal é telefonema...

Mas cadê o Menino Jesus?!...

Natal é perfume...

Natal é carro novo...

Natal é casa nova...

Natal é cigarro...

Natal é praia...

Natal é serra...

Mas cadê o Menino Jesus?!...

Natal é passeio...

Natal é material de construção...

Natal é reformar a casa...

Natal é piscina...

Natal é cinema...

Natal é noivado...

Natal é casamento...

Natal é tirar férias...

Mas cadê o Menino Jesus?!...

Natal é comprar coleções de livros...

Natal é cesta de guloseimas...

Natal é viajar...

Natal é motel...

Natal é consumismo...

Natal é materialismo...

Natal é tudo, menos JESUS...

Isso, segundo os meios de comunicação social...

Justamente, o mais importante... o mais necessário... o essencial... o

imprescindível é deixado fora: DEUS MENINO, JESUS!

Para você, meu chapa, o Natal é segundo a imprensa ou segundo a Bíblia?...

Se for segundo a imprensa, pêsames... sentidos pêsames...

Se for segundo a Bíblia, bem, daí, um baita Natal... um renovador

Natal... um abençoado Natal!

Dá para entender Natal sem Jesus, Maria e José?!...

Não consigo. É incabível!

Boas festas!

O PRIMEIRO PRESÉPIO

Suely Mendes Brazão

O vento era forte e cortante. Sibilava nervoso por entre as frestas das toscas cabanas espalhadas pelo vale.

Era inverno. A noite de céu límpido e claro, salpicado de estrelas, prometia muito frio.

Recortada contra o fundo escuro dos montes Apeninos, uma silhueta, um tanto disforme, movia-se em direção a uma das cabanas. Parecia levada pelo vento, que não parava de assobiar.

— Aonde vai com essa vaca, irmão Francisco? — perguntou o vulto que surgiu à entrada da cabana.

— Ah, meu caro, é uma surpresa. Uma belíssima surpresa que vou fazer a todos vocês.

— Mas a vaca vai ficar aqui dentro, junto conosco, durante toda a noite?

— Sim, sim. Depois eu explico. Agora preciso ir até o centro de Assis. E bem depressa. Quero voltar logo. Vou à casa do Irmão Gualberto buscar o burrinho dele...

— Buscar o quê? — perguntou intrigado o mesmo vulto, sem contudo obter resposta.

Francisco já se afastava velozmente por entre os arbustos secos pelas geadas, perdendo-se na noite. Seus pés descalços, acostumados a pisar levemente sobre as pedras e gravetos — ele temia feri-los ou aborrecer aqueles “irmãozinhos” —, nem sentiam o frio da noite, aquecidos pelo entusiasmo e pelo imenso amor que invadia seu coração.

Pouco depois, Francisco voltava, trazendo o burrinho. E logo tratou de introduzi-lo na cabana, antes que o animal apanhasse muito frio...

Era comum, durante o inverno, ver Francisco trazer pequenos e médios animais para dentro das cabanas, on-



de vivia sua pequena comunidade. Ele não suportava vê-los sofrendo frio...

Mas aquela era uma noite diferente. Uma noite de alegria. Uma noite ansiosamente esperada. E haveria ainda a surpresa. A surpresa de Francisco.

— Vocês já prepararam tudo?

— Não há muito o que fazer, Francisco. Ganhamos um pão fresquinho, feito por nossa irmã Clara especialmente para a ceia desta noite. E também um bom pedaço de carne, que os irmãos beneditinos do convento nos mandaram. Já estamos cozinhando uma sopa suculenta...

— Olhem, nada de exageros... Lembrem-se de que, para nós, bastam alguns restos de pão e água... Nada mais.

— Mas hoje, Francisco, é uma noite especial.

— Sim, eu sei. Por isso mesmo perguntei se já haviam preparado tu-

do. Referia-me aos seus corações, que deverão estar mais puros do que nunca...

— Francisco, desculpe, mas esses animais... Vão mesmo ficar aqui? Nós pretendíamos arrumar nossa mesa nesta cabana...

— Sim... sim... Nossa festa será aqui. Comemoraremos todos juntos a noite mais bonita do ano: nós e os animais. Eles serão os personagens mais importantes. Vocês vão ver.

E os humildes preparativos para a festa de Francisco e seus companheiros continuaram. A tábua que lhes servia de mesa foi forrada com um pano branco. As cuias de madeira dispostas sobre ela, uma ao lado da outra. O pão colocado bem no centro da mesa. O fogo aceso e reavivado a curtos intervalos, para não se apagar.

Finalmente, todos reunidos, os “irmãozinhos” sentaram-se alegres em



torno da mesa. Faltava apenas Francisco. Onde estava ele?

Não demorou muito para que todos o vissem entrar com um ramo verdinho de pinheiro e um cesto cheio de pinhas.

— Agora, meus queridos companheiros, vou apresentar-lhes a minha surpresa.

Todos se entreolharam, interrogativos e ansiosos.

— Bem, já que vamos comemorar o Natal, nada melhor do que montar a cena do nascimento de Jesus. Muito viva, palpitante! Isto é, com o que temos e como podemos...

E correu para o canto onde estavam os animais. Puxou a vaca mais para o centro da cabana. Depois o burrinho. Colocou ambos voltados um para o outro. Entre eles dispôs um monte de feno, cuidadosamente arranjado, na frente da fogueirinha que ardia, quente e luminosa.

Todos olhavam o trabalho querendo adivinhar antecipadamente o resultado. Francisco pegou então o galho

de pinheiro e as pinhas e explicou aos amigos:

— Este belo ramo de pinheiro, árvore que nunca perde sua cor verde, mesmo durante o inverno, representará José, o pai que o menino Jesus teve neste mundo. Eu queria trazer o pinheiro todo, fincá-lo na terra, mas foi impossível. Este galho, forte como José, vai representá-lo muito bem.

E colocou o ramo do lado esquerdo do monte de feno. Em seguida, juntando as pinhas e colocando-as à direita, disse:

— Estas pinhas, cheias de pinhões, que nada mais são do que férteis sementes, representarão a mãe de Jesus, a santíssima Virgem Maria, que gerou o filho de Deus.

E, querendo completar a montagem do cenário, continuou:

— Nós seremos os humildes pastores e também os magos do Oriente, que virão homenagear o menino rei, trazendo-lhe presentes. Podemos oferecer-lhe aquilo de que ele mais gosta: nosso trabalho, nossa alegria e, principalmente, nosso amor.

— Francisco, gostamos muito de sua surpresa. Sua idéia foi brilhante. Não resta dúvida... Mas... e o menino? Como é que você vai representar Jesus?

— Ah, meu caro companheiro... Jesus não precisa de representante. Ele está aqui, dentro de cada um de nós, no amor que sentimos por todos os nossos irmãos: os animais, as plantas, o fogo, o vento, o ar, as estrelas, a lua e... por vocês, vocês que foram feitos à semelhança de Deus!

E, com os olhos brilhantes de alegria, demonstrando uma felicidade incontida, Francisco concluiu:

— Se prestarmos atenção, meus queridos amigos, tenho certeza de que, durante esta linda noite de Natal, poderemos ver o menino Jesus deitado sobre esta palha seca, aqui mesmo, dentro desta nossa humilde cabana.

Estava assim montado o primeiro presépio do mundo. Por Francisco, o pobrezinho de Assis. No Natal de 1211. ●

Mudamos ambos



*Natais bem simples
eram os natais de outrora,
natais franciscanos,
natais de caravelas.
Natais sofisticados
são os natais de agora,
natais de enlatados
e de caras velas.*

*Natais compenetrados
eram os natais de outrora.
Natais piedosos,
eram natais deveras.
Irreverentes
são os natais de agora,
comercializados,
feitos só de velas.*

*Natais ingênuos
eram os meus natais,
ledos, tranqüilos
e de alegrias faciais.
Natais inquietos
são agora os meus natais,
natais sofridos,
de fortes vendavais.*

*De esperanças feitos
eram os meus natais,
de esperanças grandes,
fundamentais.
De frustrações
eles se fazem agora.
Mas eu, teimoso,
espero mais que outrora.*

Pe. Isidoro de Nadai, cmf

Os jovens de hoje diante das grandes decisões (a complexidade do fenômeno)

Nível médio e alto

Há alguns fatores que parece mais acertado atribuí-los aos jovens que vivem nestes níveis sócio-econômicos e não à juventude em geral.

Os jovens, em sua maioria, mas especialmente os destes ambientes, são filhos de uma sociedade cada vez menos unitária em seus pressupostos culturais, sociais e religiosos. A vida de muitos oscila entre múltiplos grupos de amizade, trabalho, diversão, estudo... Neles tende-se subjetivamente a dar mais importância ao "fazer muitas experiências" do que a realizar uma escolha em uma só direção, dando à própria vida um sentido único. Em nossa sociedade muitos jovens encontram a possibilidade de realizá-las, ocasiões parciais de ser protagonistas, de ser alguém. Pertencer a uma só atividade ou compromisso parece a muitos um empobrecimento ante as possibilidades de enriquecer-se experimentando um pouco de tudo. A crescente diferenciação social e o pluralismo cultural levam a renunciar a um só ponto de referência no nível de idéias e de vida; predomina o ecletismo ("um pouco de cada coisa") e a tendência a acomodar-se às necessidades e ambientes.

A variedade e inclusive oposição entre os modelos ideais que eles vêm fazer com que no final relativizem tudo; exagerando poderiam afirmar que "tudo dá na mesma" ou "tudo é relativo". Com este pressuposto que sentimento tem comprometer absolutamente e para sempre a própria vida?

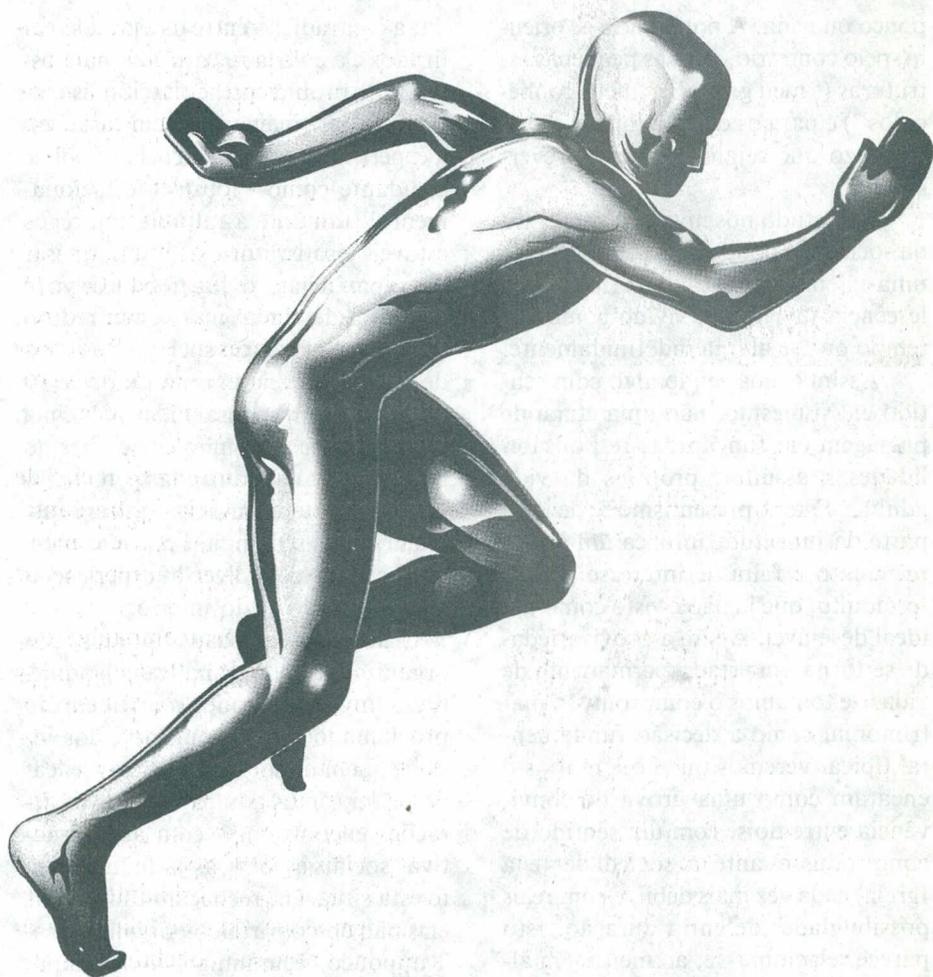
As decisões importantes são percebidas pelo jovem como um fechar-se a outras possibilidades, como uma limitação da própria existência. Tem medo de comprometer sua liberdade

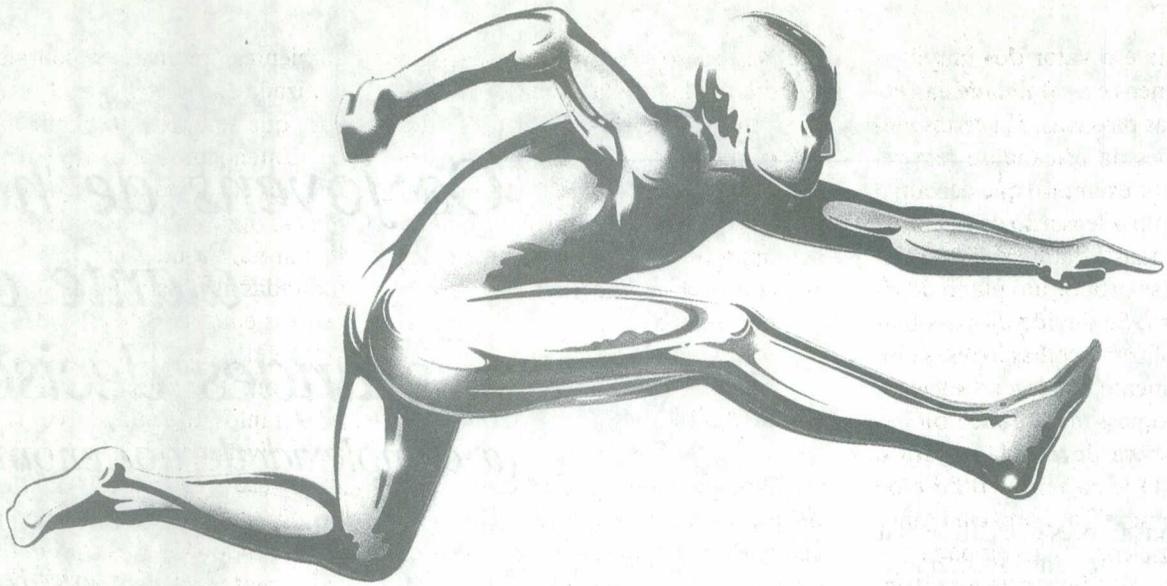
iniciando um vínculo estável que pode ser mais um condicionamento do que um enriquecimento. Daí sua tendência de retardar a tomada de decisões definitivas. Prefere manter-se em uma situação de indefinição adolescente, em uma espécie de posição intermédia que lhe permitem aproveitar as oportunidades que se lhe apresentam.

Um caso típico é o jovem que não se compromete no namoro, vivendo múltiplas experiências de curta duração. Mostram-se reacionários ou pelo menos inseguros para consagrar-se a uma doutrina ou caminho definitivo. Há certo temor aos compromissos de longo alcance e às grandes estruturas, anônimas, onde cada um pode influir

Parte II

Javier Fernández





pouco ou nada. A preferência se orienta, pelo contrário, para as pequenas estruturas (“meu grupo”, “meus conhecidos”) e para os compromissos a curto prazo que sejam, portanto, reversíveis.

Sobretudo nos níveis médio e alto da sociedade pode-se constatar, então, uma extensão de fato do período adolescência-juventude, vivido como um tempo que se alarga indefinidamente.

Assim acaba sendo algo com sentido em si mesmo, não uma etapa de passagem em função das responsabilidades a assumir, próprias da vida adulta. Este “presentismo” de boa parte da juventude implica um esmorecimento e falta de interesse para o ser-adulto, que já não é visto como um ideal desejável. Assim a provisoriidade se torna um estado permanente de vida. Se tomamos o compromisso matrimonial como a decisão fundamental típica, veremos que hoje muitos o encaram como uma prova de convivência entre dois, com um sentido de compromisso ante a sociedade (e a Igreja) cada vez mais débil, e com reais possibilidades de curta duração. Isto parece relacionar-se, ao menos em alguns casos, com a tendência também crescente de atrasar a vida dos filhos, e de estes, quando chegar, serem poucos (um ou dois).

Mas há também fatores estruturais que desanimam a tomada de decisões definitivas ou ao menos a dificultam grandemente: a consciência da desproporção entre esforços feitos e resultados obtidos em vários campos da vi-

da; a contradição entre os estudos realizados e a colocação profissional possível; os problemas habitacionais (sobretudo para quem pensa em casar-se); a experiência da permanência no rol de estudante como “local de estacionamento” útil ante a falta de empregos estáveis e satisfatórios. Assim, apesar das aparências, o lugar educativo é também, de algum modo, um reduto para marginalização social, que estende a adolescência em uma espécie de moratória de responsabilidades”. Uma sociedade de consumo e ao mesmo tempo injusta conduz boa parte da juventude a interessar-se apenas em desfrutar a vida sem muitas complicações, preenchendo com diversas experiências a sensação de vazio interior.

Em nossa sociedade faltam saídas organizativas para canalizar as inquietudes juvenis. É que, mais além do proclamado “protagonismo” dos jovens, quem na sociedade tem as rédeas do poder são os adultos. As novas gerações encontram-se com as alternativas sociais e políticas já feitas; e ante esta situação, rechaçam tudo o que elas não descobriram ou organizaram. Tampouco vêem um modo de ocupar produtivamente o tempo livre, sobretudo nas férias. Daqui nasce o aborrecimento, a passividade, a sensação de monotonia e superficialidade da vida. Com isto está relacionado o fenômeno crescente da droga, que vai se expandindo com hábito juvenil desde os países mais desenvolvidos até os dependentes. Também se nota certa “necessidade de ruído” que cumpre

um papel de evasão da realidade e de ocultamento das dificuldades de comunicação.

Há correntes culturais que de algum modo influem em suas escolhas vitais. Com frequência elas podem se converter em um freio ou uma ameaça para um autêntico projeto de vida. Podemos destacar três:

- A corrente cultural laicista-burguesa, que mostra como máxima aspiração a “auto-realização” do indivíduo. Nela a satisfação imediata das necessidades vai unida a uma grande dificuldade para embarcar-se em projetos de longo termo que requerem verdadeiro esforço e sacrifício. Pode ir acompanhada, em ambientes que o favoreçam, de um compromisso sócio-político débil e para nada questionante do nível de vida que o jovem tem ou aspira ter. Uma coisa é certa: o permissivismo liberal tira muitos vínculos (de valor diverso), porém deixa o jovem em meio de um campo imenso, sem caminhos nem sinais de orientação. Assim, uma liberdade para escolher mais ampla que antes leva a um maior grau de insegurança se não está acompanhada do descobrimento de objetivos significativos para os quais orientar as forças liberadas. Não basta conceder liberdade; antes, é necessário educar para ela.
- A corrente psicologista, que tende a destacar no ser humano a im-

portância e o valor dos impulsos espontâneos e a fatalidade das experiências passadas. Há certas vulgarizações da psicanálise (em revistas, por exemplo) que deixam o jovem com a sensação de estar “de mãos atadas” diante da possibilidade de se propor um plano de vida futura. Se duvida da possibilidade de fazer escolhas livres, se joga facilmente a culpa na sociedade ou no passado e pouco ou nada se espera de novidade para o futuro. O lema seria “tudo é ou será a mesma” ou, dito em termos mais clássicos, “não há nada novo sob o sol”. Supondo esta mentalidade, o jovem se deixará levar pela onda de seus impulsos, talvez com a secreta esperança de que surja uma mágica oportunidade em qualquer esquina.

- A corrente que orienta para um pragmatismo da vida, para uma visão consumista e conformista.

Neste caso se restringe o espaço da criatividade e da relação gratuita: “tudo pode ser comprado”. Até o amor tem um preço. Dentro desta concepção é impossível um projeto pessoal de vida, que suponha uma originalidade em meio ao conformismo e culto à “lei do menor esforço”.

Nível baixo

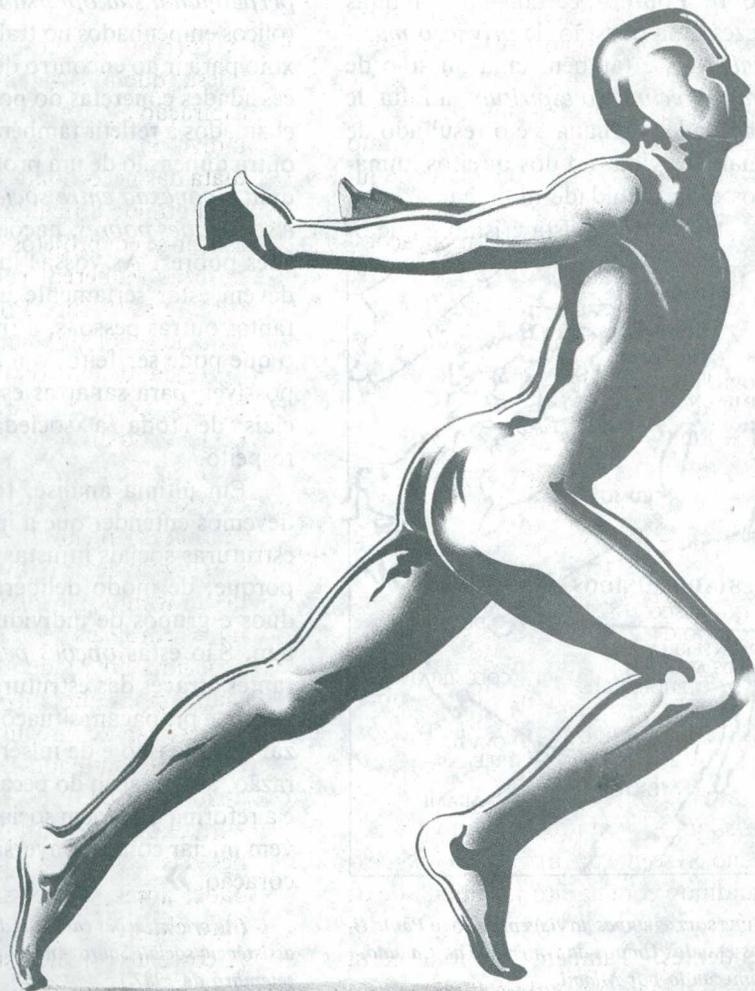
Não podemos desconhecer o fato de que a maioria da juventude do Terceiro Mundo (por exemplo, América Latina) está localizada nesta situação sócio-econômica. Ela sofre a influência de muitos dos pontos que analisamos acima, sobretudo através dos meios de comunicação social. Recordemos ainda que as classes altas tendem a ser vistas pelas outras como modelo a imitar. Em todo caso, a descrição anterior, que nos serve para alguns

ambientes, requer ser completada e matizada agora com a análise de situações que se apresentam em outros.

Entendemos por nível social “baixo” aquele de poucos recursos econômicos, onde os filhos logo devem trabalhar para ajudar em casa, onde são limitadas as possibilidades de acesso a centros educativos e para ocupar cargos significativos na sociedade.

Com esta definição descritiva já adiantamos alguma coisa. O jovem deste nível aprende a “ganhar a vida” muito cedo, demasiado cedo em muitas ocasiões. Chegará o momento em que abandonará o estudo ou fará um curso mal feito. Essa situação de analfabetismo total ou parcial condicionará logo o lugar que lhe competirá na sociedade e suas possibilidades de trabalho. Habitualmente seu trabalho será instável, mal pago e até arriscado. Nas grandes cidades aprende a obedecer aos patrões, a ver que outros têm facilmente o que talvez ele nunca terá. Para nosso tema interessa destacar isto: o jovem deste nível escolhe pouco ou nada porque sua realidade não lhe permite o “luxo” de escolher. Antes, aceita o que pode. Por exemplo: ante a falta de fontes de trabalho e a urgência de cobrir as necessidades mais elementares, teria sentido plantear o problema da orientação vocacional ou da preferência por alguma carreira ou ofício?

Por isso o problema das opções do jovem, que pareceria ser uma questão particular e limitada, tende a estender-se a uma visão global da sociedade e uma crítica da mesma. Detrás de tudo isto não está apenas uma questão puramente econômica mas fundamentalmente formativa. É necessário ensinar a escolher; acompanhar as decisões para que realmente sejam opções. É o que veremos no ponto seguinte. ●



(Javier Fernández é missionário claretiano, professor de Teologia Moral no Centro de Estudos Filosóficos e Teológicos de Córdoba, Argentina.)

Traduziu: Mauro Zequin Custódio, cmf



PALAVRA
DO PAPA

VIAGEM DE JOÃO PAULO II AOS ESTADOS UNIDOS

O papa João Paulo II viajou pela segunda vez aos Estados Unidos. Sua primeira viagem foi em outubro de 1979, quando concentrou sua visita nas grandes cidades do nordeste norte-americano.

Esta foi a 36ª viagem internacional de João Paulo II nos seus 9 anos de pontificado. Em 11 dias, de 9 a 21 de setembro, o papa percorreu 30.465 quilômetros, visitando 9 cidades norte-americanas: Miami, Columbia, Nova Orleans, Santo Antônio, Phoenix, Los Angeles, Monterrey, São Francisco e Detroit, e duas canadenses, Edmonton e Fort Simpson.

Nos discursos João Paulo II abordou questões e problemas da moral sexual, do feminismo, da disciplina eclesial, da economia, da paz, do respeito às minorias, da liberdade dos povos, do desarmamento, da pacificação da América Central.

Os Estados Unidos têm 227 milhões de habitantes, dos quais 22% são católicos; há 56.000 sacerdotes e 401 bispos.

Como em todas as viagens, João Paulo II encontrou-se com os vários segmentos da sociedade norte-americana, como os jovens, os trabalhadores, os empresários, os índios peles-vermelhas, além de judeus, religiosos, diáconos permanentes e também um grupo de doentes aidéticos.

Servir o pobre é recompor a dignidade humana

«O serviço aos necessitados não só constrói a harmonia social, mas revela Deus, nosso Pai, aquele que socorre o oprimido. No Antigo Testamento, foi o amor de Deus pelo seu povo que determinou uma especial solicitude para com o estrangeiro, a viúva e o órfão. Assim como Deus tinha tratado o seu povo, de igual modo eles deviam tratar os outros. O ano do jubi-

leu e o ano sabático restauraram o equilíbrio econômico: os escravos eram libertados, a terra era restituída aos primeiros proprietários, as dívidas eram canceladas (Ex 21ss.; Lv 25). A justiça e a misericórdia eram de igual modo praticadas. Os Profetas, repetidas vezes, chamavam a atenção para as qualidades interiores do coração, que deviam animar a prática da justiça e do serviço: "O que o homem vê não importa; o homem vê as aparências, mas o Senhor olha o coração" (ISm 16,7).

A Igreja sempre proclamou um amor preferencial pelo pobre. Talvez a linguagem seja nova, mas a realidade não o é. E a Igreja também não tem tido uma visão estreita da pobreza e do pobre. Pobreza, certamente, é muitas vezes uma questão de *privação material*. Mas é também uma questão de *empobrecimento espiritual*, a falta de liberdades humanas, e o resultado de qualquer violação dos direitos humanos e da dignidade humana.

O ponto de vista cristão é que os

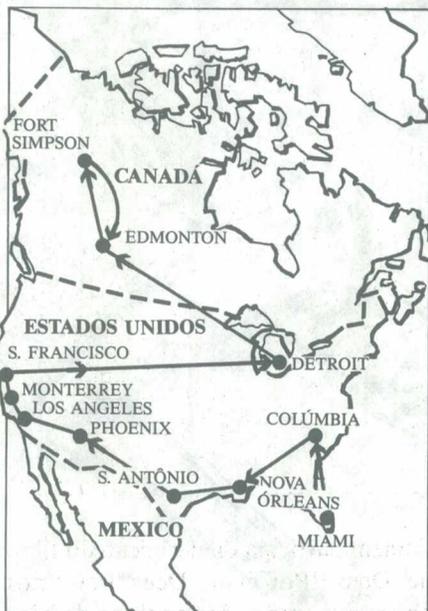
seres humanos devem ser avaliados por aquilo que são, não por aquilo que têm. Amando o pobre e servindo os necessitados de qualquer ajuda, a Igreja procura sobretudo respeitar e restituir a dignidade humana deles. *O objetivo da solidariedade e do serviço cristão é defender e promover, no nome de Jesus Cristo, a dignidade e os direitos humanos fundamentais de cada pessoa.*

Reformar estruturas que causam opressão

O serviço ao pobre também comporta falar por ele e esforçar-se por *reformar estruturas que causam ou perpetuam a sua opressão*. Como católicos empenhados no trabalho de auxílio para ir ao encontro de muitas necessidades concretas do povo, vós sois chamados a refletir também sobre uma outra dimensão de um problema mundial: a *conexão entre sociedades ricas e sociedades pobres*, nações ricas e nações pobres. As vossas introspecções devem estar seriamente unidas às de tantas outras pessoas, a fim de verdes o que pode ser feito, o mais depressa possível, para sanar as estruturas sociais de toda a sociedade a este respeito.

Em última análise, todavia, nós devemos entender que a injustiça e as estruturas sociais injustas existem, só porque, de modo deliberado, indivíduos e grupos de indivíduos as mantêm. São estas *opções pessoais*, operantes através das estruturas, que provocam e propagam situações de pobreza, de opressão e de miséria. Por esta razão, a superação do pecado "social" e a reforma da ordem social mesma devem iniciar com a conversão do nosso coração. »

(As organizações católicas de caridade e de assistência social. Santo Antônio (EUA), 13 de setembro de 1987.)



Mapa com as etapas da viagem de João Paulo II aos Estados Unidos da América e ao Canadá, começando por Miami.

BÊNÇÃO DO HOMEM, BÊNÇÃO DE MARIA

José C. R. G. Paredes

João Paulo II propõe-nos em sua encíclica Redemptoris Mater a verdade sobre Maria (RM, 12). Esta verdade é descoberta a partir daquele que é a chave da verdade sobre o homem: Jesus Cristo e seu mistério. Nesse mistério, Maria aparece como a mulher “agraciada”, “fiel a Deus”, “a bendita”

1. Jesus Cristo, verdade do homem

“Eu sou a verdade” (Jo 14, 6). Jesus é a chave para compreender o universo, para decifrar todos os mistérios que nos penetram e os inquisidores que nos acusam. “Todo homem acaba sendo para si mesmo uma questão sem solução” (GS, 21); o homem costuma fazer-se perguntas a respeito do sentido da vida, da história e, muitas vezes, não consegue obter respostas. Apenas perplexidade. Contudo, quando se aproxima de Cristo, ele descobre como em Jesus se esclarece seu mistério. Jesus Cristo “manifesta plenamente o homem para o homem, descobrindo a sublimidade de sua vocação” (GS, 22); “por Cristo e em Cristo se ilumina o enigma da dor e da morte, que, fora do Evangelho, nos envolve em absoluta obscuridade” (GS, 22).

Misteriosamente associados a ele

Em Jesus Cristo descobrimos quem somos, para que fomos chamados, qual é nosso destino. Deus Pai quis associar nosso destino ao de Jesus. O Filho de Deus fez uma aliança “para sempre”, “indissolivelmente”, com a humanidade para cumprir os desígnios do Pai. E, a partir desse projeto de Deus, o Filho passa a ser parte integrante da definição do homem e o



homem participa da definição do filho de Deus. Por isso, Deus Pai “nos abençoou com todos os tipos de bênçãos espirituais em Cristo” (Ef 1,3), “nos escolheu, antes de mais nada, para sermos seus filhos adotivos por meio

de Jesus” (Ef 1,5), “nos predestinou a reproduzir a imagem de seu Filho” (Rm 8,29). Para conseguirmos nossa plenitude como homens, “teremos de viver segundo o que nos ensinou Jesus, por ele edificados e enraizados... por-

que nele reside toda a plenitude da divindade corporal e nele alcançamos a plenitude” (Cl 1,6-7. 9-10).

Através do conhecimento de Jesus Cristo e da adesão a ele por meio da fé, os homens reconhecem que sua existência não é produto da sorte, mas de uma admirável e amorosa escolha divina; que o ser humano não é o resíduo da criação, mas filho de Deus, pico do universo, portador de direitos inalienáveis; que nosso pecado foi superado, apagado pelo sangue de Cristo, e que há vitória sobre o mal; que nosso destino vai muito além do imaginável, pois “nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem ao coração do homem chegou aquilo que Deus tem preparado para os que ele ama” (ICor 2, 9).

Em Jesus Cristo fomos abençoados

O Pai abençoou *todos os homens* sem exceção, segundo seu eterno desígnio de amor. Quando a bênção divina (*berakhah*) recai sobre nós, Deus nos comunica a vida, nos oferece os meios para sustentá-la, como a comida e a bebida, nos dá a capacidade de propagá-la. “Bênção é a vida que Deus nos dá, nosso corpo e espírito, o pão de cada dia, a conservação de nosso ser. Bênção de Deus é, acima de tudo, Jesus que se nos entrega no acontecimento de sua morte e ressurreição e que se simboliza realmente nos sacramentos. Bênção de Deus é a sua palavra que nos chama, que nos congrega e nos leva a formar uma comunidade de irmãos. Bênção de Deus é o marco cósmico que nos rodeia, esse maravilhoso mundo que se regenera incansavelmente como símbolo da crescente fecundidade de Deus” (A. Aparício/J.C.R.G. Paredes, *Os salmos, oração da comunidade*. São Paulo, AM edições, 1988).

Esta é a verdade sobre o homem: ele não é um ser absurdo, não é um ser criado para o nada, ou para a morte, não é um ser amaldiçoado; o homem é exatamente o contrário: é o portador de uma misteriosa *bênção*, é um ser

eleito portentosamente, antes mesmo da formação do mundo; seu destino é ser, como Deus, *santo e imaculado* pelo amor, isto é, predestinado a participar da santidade e da integridade de Deus. Esta é a verdade de *todo homem*, sem nenhum tipo de exclusões. Todo homem é reconhecido por Deus Pai como filho e por Jesus como irmão. Todo homem é destinatário da graça ou atitude benevolente e amorosa de Deus.

Esta é, portanto, a *chave* para conhecer o homem, para conhecer todos os homens. Esta é também a chave — conforme diz o papa João Paulo II na encíclica *Redemptoris Mater* (Rm, 7) — para contemplar a verdade sobre Maria. A perspectiva é corretíssima. Maria não está situada fora de nossa humanidade, fora de nossa história, fora do povo de Deus. Maria não é apenas a “única”, mas também a “primeira”. A graça que faz de Maria a mulher bendita é a mesma graça que torna bendita a humanidade; nesse sentido, Maria não é uma privilegiada, uma exceção, mas a expressão máxima da benevolência amorosa de Deus Pai sobre o mundo inteiro.

Cristo é a chave da verdade sobre o homem. Por isso, é também a chave da verdade sobre Maria.

2. A bênção de Maria

A mulher na plenitude dos tempos

O *plano divino da salvação*, que nos foi revelado plenamente com a vinda de Cristo, é eterno. Está também *eternamente unido a Cristo*. Compreende todos os homens, mas reserva um lugar particular para a “mulher”, que é a mãe daquele a quem o Pai confiou a obra da salvação” (RM, 8).

Ao chegar a *plenitude dos tempos*, quer dizer, a maturidade e o cumprimento desse período particularmente importante, orientado para a atuação de uma espera escatológica, ou seja, quando o tempo completou sua medi-

da, o Antigo Testamento alcançou seu ápice, o Pai enviou seu Filho, a palavra se fez carne, o espírito plasmou no seio virginal de Maria a natureza humana de Cristo, o Filho nasceu de uma mulher, o tempo converteu-se definitivamente em tempo de salvação, iniciando-se o caminho da Igreja (RM, 1). O tempo, assim descrito, transborda em plenitude.

A plenitude dos tempos caracteriza-se pela confluência de todas as forças positivas da história, de todas as medições de graça num só ponto, num *kairós*: é o momento da visita de Deus, em que o tempo fica plenificado e a partir do qual emerge uma nova *história*. Nesse ponto confluyente está “*a mulher*”: “Ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou seu filho, *nascido de uma mulher*... para que recebêssemos a filiação adotiva” (G1, 4,4-5).

Nesse ponto está também a Igreja, pois aí iniciam seu caminho todos aqueles “que receberam o Filho” e aos quais o filho “deu o poder de tornarem-se filhos de Deus, desde que creiam em seu nome” (Jo 1,12). A *mulher* e a *Igreja* estão no momento da plenitude. Uma e outra recebem uma *bênção* superabundante.

A “bendita”, a “agraciada”

No evangelho de Lucas (1,41), é chamada “*Maria bendita entre as mulheres*”, ou “*benditíssima*” (uma expressão hebraica), como já tinham sido, no Antigo Testamento, Jael, a mulher de Jéber, o quenita (Jz 5,24), e Judite (Jt 13,18), por terem sido instrumentos de Deus na derrota de poderosos inimigos. Isabel deseja a Maria a bênção, a *berakhah* dada por Deus ao homem, segundo a qual ele lhe dá a vida, os meios para sustentá-la, como a comida e a bebida, e a capacidade de propagá-la. Maria é bendita porque sobre ela desceu a força de Deus para que dela pudesse nascer o Messias, o Bendito, que vem em nome do Senhor (Lc 19,38). Deus abençoou o seio de Maria, fazendo-o prodigiosamente fecundo” (J.C.R.G. Paredes, *Maria, a mu-*

Iher do reino de Deus. São Paulo, AM edições, 1985).

O anjo Gabriel dirigiu-se a Maria, segundo a versão de Lucas, com o apelido de *kecharitomene* (agraciada, encantadora). Para o mensageiro de Deus, para aquele que fala “em nome de Deus” como sua total transparência, Maria é “a agraciada”, é aquela mulher na qual se manifestou” a glória da graça com a qual o Pai nos agraciou por meio do Filho amado” (Ef 1,6); essa dádiva reflete-se no *novo nome* que Maria recebe de Deus: *kecharitomene!* “Esse vocativo, empregado em lugar do nome próprio da Virgem, define quem é Maria para Deus: *a que foi, é e continua sendo objeto da graça benevolente, condescendente e encantadora de Deus*.”

Na linguagem bíblica, “graça é a atitude benevolente, gratuita e encantadora de Deus em relação aos homens. É, ao mesmo tempo, uma ação seletiva e eletiva, movida unicamente pela insondável liberdade de Deus (Ex 33,19; Rm 9,6-24). Deus concede sua graça aos escolhidos, não como um privilégio, mas como uma mediação através da qual a graça se derramará sobre o povo, sobre o mundo inteiro. Noé, Abraão, Moisés e a casa de Davi não foram escolhidos individualmente, mas como germes do povo de Deus” (Id., *ibid.*). O capítulo I da carta aos Efésios diz que a graça de Deus é *eletiva e seletiva*, é graça de eleição. Ser santo e íntegro pressupõe todo um itinerário vital; por isso, na graça da eleição, Deus comunica um germe de santidade, algo assim como uma fonte que brota da alma (Rm 8).

Tudo isto se diz de Maria. Ela não é tanto “a privilegiada”, mas a mediadora através da qual Deus Pai derrama sua graça sobre o mundo, sobre o povo. Ela foi agraciada com a *maternidade messiânica*. Para isso, Maria recebeu o *Espírito de santidade*. O Espírito Santo desceu sobre ela e a sombra do Altíssimo a cobriu para que ela fosse fonte materna do Santo: “o que vai nascer será *santo*” (Lc 1,35).

A bênção de Maria tem sua origem no mistério de Jesus. Graças a Jesus foram abençoadas por Deus Pai toda

a história, toda a humanidade. Também Maria “foi abençoada *em Cristo*”; foi escolhida *nele* antes da formação do mundo, foi agraciada *no Amado*, predestinada a reproduzir a imagem de seu Filho. A eleição de Maria para a maternidade messiânica a deixa indissolavelmente unida a Jesus.

A “*bendita*”, a “*redimida*”

Maria foi também “a benditíssima” enquanto “redimida”. O hino da bênção que aparece na carta aos Efésios evoca também a redenção que os homens conseguiram em Cristo: “pelo seu sangue obtivemos a redenção, o perdão dos pecados” (Ef 1,7). No protoevangelho do Gênesis, Deus prometeu que “a descendência da mulher esmagaria a cabeça da serpente” (Gn 3,15). Em nenhum momento de sua existência, a mulher da qual nasceu o Messias pactuou com o mal. A mulher está associada em tudo ao “seu descendente”. Nela se cumpre o que dizia a Sagrada Escritura: “colocarei inimizade entre você e a mulher, entre sua descendência e a dela” (Gn 3,15). “Por isso, por obra do Espírito Santo, na odem da graça, ou seja, da participação na natureza divina, Maria recebe vida daquele ao qual ela mesma deu vida como mãe, na ordem da geração terrena... E, uma vez que Maria recebe esta “nova vida” com uma plenitude que corresponde ao amor do Filho pela Mãe e, por conseguinte, à dignidade da maternidade divina, na anunciação o anjo a chama “cheia de graça” (RM, 10).

A verdade sobre Maria, a Mulher, só se descobre através de Jesus, que é a Verdade. A graça de Deus Pai abençoou Maria com superabundância; o Espírito converteu-se para ela em dom de fecundidade, em germe de santidade, em fonte de sua maternidade messiânica e transcendente.

Na verdade sobre Maria nós, que somos a Igreja, descobrimos nossa própria verdade. Ela foi a primeira, mas não a única. Tudo o que com ela aconteceu se reverte sobre nós por vontade do Pai.

“Se o dom de Deus fosse conhecido...” (Jo 4,10). Infelizmente, nós não sentimos às vezes necessidade de “agradecer”, porque não reconhecemos o dom. Deus Pai derramou abundantemente seu amor sobre nossa história coletiva e pessoal. Ele nos deu tudo em seu Filho Jesus e através do Espírito. “Se o dom de Deus fosse conhecido...” Maria nos convida a reconhecê-lo, a acolhê-lo. O reconhecimento nos leva ao louvor, à bênção. Maria e nós temos sido os destinatários de uma mesma bênção. Por isso, é justo que sintamos sua presença quando, com a Igreja de todos os tempos, proclamamos:

“Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todo tipo de bênçãos espirituais nos céus *em Cristo*”.

Tradução: Suely Mendes Brazão

**Senhor,
o nosso coração
está inquieto...**
(S. Agostinho)

**Você não está
inquieto? inquieta?
Jovem, qual o seu ideal?**

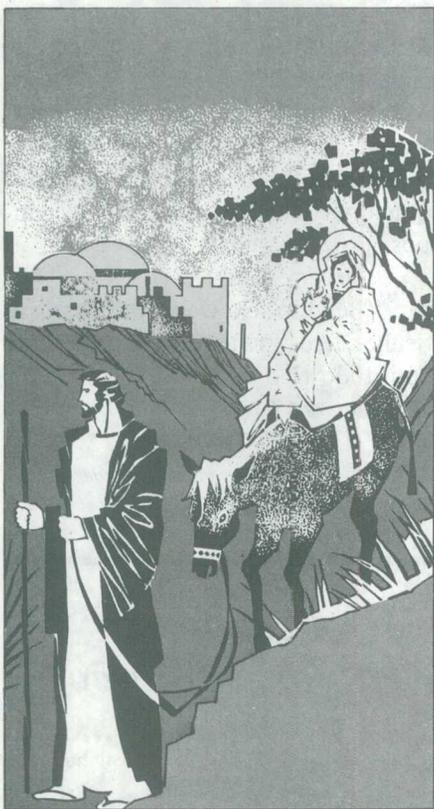
**VIDA RELIGIOSA
AGOSTINIANA:**

- Vida de oração
- Comunidade Fraterna
- Serviço ao povo de Deus: evangelização, educação, promoção humana, missão, CEBs.

INFORMAÇÕES EM NOSSO
SECRETARIADO VOCACIONAL
Irmãs Agostinianas Missionárias
Padres Agostinianos
R. Eng. Figueiredo, 31 - Vila Mariana
04012 - São Paulo - SP
Fone: (011) 571-8959

NATAL:

Nascer e renascer a cada dia



Dá-se início a um novo tempo. Surge uma nova era. Não, não é poesia. É Jesus que veio, que vem, que virá. É Advento. É momento de esperar. É hora de expectativa, o Senhor está próximo, vai renascer no coração da humanidade. Vai surgir nas "manjedouras" humanas.

Abra o teu coração. Reconcilia-te com o passado, ou ponha-o na misericórdia de Deus. Viva o presente, sentindo o irmão ao lado, acolhendo-o, amando-o, fazendo-lhe justiça, "abrindo-o" para que ele se sinta sujeito da própria caminhada. Pois é hora de renascer (2Cor 6,2b).

É a hora da salvação que se faz criança. Criança que suscita na memória toda a esperança que devemos ter diante da vida, que nos

alegra no presente mas nos compromete na construção do mundo para que ela o encontre melhor quando crescida. Criança que nos lança ao futuro questionando "o que será deste menino?", "o que o espera?" Criança que nascendo vem para dar a vida, dar a vida para que todos vivam, e vivam plenamente (Jo 10,10). Criança que é plenamente humana e plenamente divina e que por isso nos mostra que é possível sermos plenamente humanos e plenamente divinos nela e por ela (Jo 1,12-13).

Criança que atrai para si todas as atenções mas não nos segura "egoisticamente" a ela, mas nos envia ao encontro dos outros para que sejamos para eles motivo de alegria, de esperança no futuro, causa de reconciliação com Deus e com o irmão (2Cor 5,18). Criança que está tanto no velho, no jovem e no menor abandonado gritando por acolhida, amparo, escola, comida, profissão, e um ideal na vida. Esta criança está ou estará em mim e no meu irmão, na medida em que nós nos abrimos ao Deus que nasce na história. Na minha história, na tua, na nossa, mas em especial na dos pobres prediletos dela, porque ela veio "para anunciar a Boa Nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para pôr em liberdade os cativos, para publicar o ano da graça do Senhor" (Lc 4,18-19).

Só assim o meu, o teu, o nosso Natal poderá ser chamado de Natal cristão.

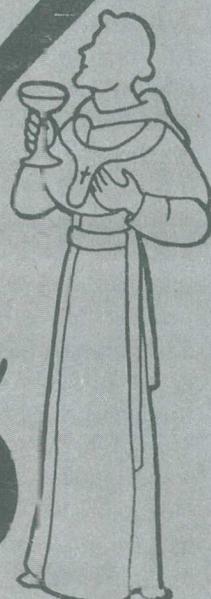
Brasílio Biazotto

JOVEM:



Você se empolga com o pedido de Jesus: "Pai, que todos sejam um, como Tu estás em mim e eu em ti"?

E com a proposta de São Norberto (fundador da Ordem Premonstratense): "Minha opção é levar uma vida puramente evangélica, inspirada no modo de viver dos Apóstolos"?



**Então, dê sua vida
a Deus e a seu povo,
COMO OS APOSTÓLOS!**

Venha buscar conosco este ideal, vivendo a comunhão na comunidade e na Igreja!
Nós, padres e irmãos Premonstratenses, procuramos alcançar esta meta através de uma vida de oração e apostolado.

**Maiores informações você pode obter
escrevendo para:**

CENTRO VOCACIONAL SÃO NORBERTO
Caixa Postal 121 - CEP 17200 - Jaú (SP)
Fone: (0146) 22-2721

OU

SEMINÁRIO PREMONSTRATENSE
Rua Nossa Senhora de Fátima, 24
06550 - Pirapora do Bom Jesus (SP)
Fone: (011) 423-4291.



Santa Maria da Boca do Monte

Situada sobre coxilhas e terrenos argilo-arenosos do Rio Grande do Sul, possui também colinas suaves e planaltos.

A área do município está estimada em 3.462 km² e seu ponto mais alto está na Serra do Pinhal, com 491.821 metros de altitude.

Faz limite ao norte com Júlio de Castilhos; ao sul com São Sepé e São Gabriel; ao leste com Júlio de Castilhos, Faxinal do Soturno, Restinga Seca e Formigueiro; ao oeste com São Pedro do Sul.

Dista da capital do Estado 337 quilômetros.

Seu clima é subtropical, tendo a temperatura média anual de 22°.

Em 1980, o censo registrou 200.000 habitantes divididos aproximadamente em 160.000 na zona urbana e 40.000 na zona rural.

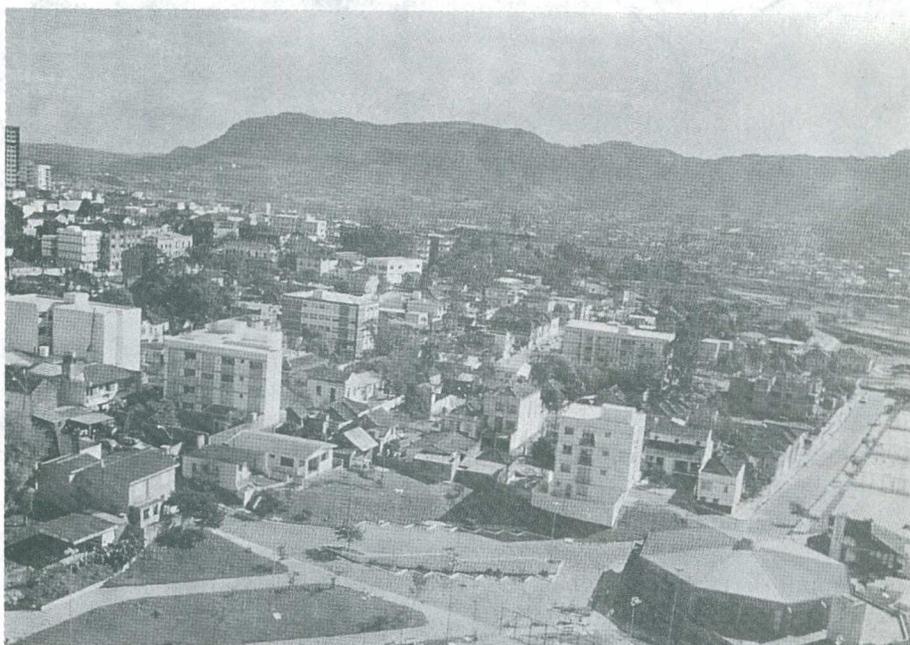
Leva o nome de Santa Maria pela denominação dada pelos primeiros habitantes índios ao posto chamado "Guarda de Santa Maria", o qual pertencia a uma das estâncias missionárias dos padres da Companhia de Jesus, que posteriormente passou a ser município.

Os primeiros habitantes, portanto, foram índios minuanos e tapes.

O início do município deu-se através do marco do acampamento de Santa Maria, a que mais tarde se juntou Boca do Monte. Por fim Santa Maria foi elevada a município em 17 de maio de 1858.

A rede municipal é composta de 171 escolas, sendo 38 na zona urbana e o restante na zona rural.

A religião predominante em Santa Maria é a Católica. Existem também templos evangélicos, centros espíritas, salões de umbanda e templos protestantes, além de uma sinagoga e uma igreja mórmon.



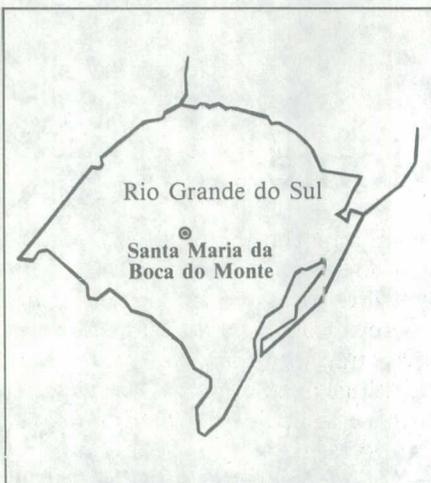
Vista parcial de Santa Maria, RS

Santa Maria possui 5 hospitais e 1 pronto-socorro de fraturas.

Por ter uma população heterogênea, Santa Maria não possui uma característica única, sendo que alemães, italianos, poloneses, árabes, franceses, sírio-libaneses, judeus, japoneses, negros e índios trouxeram uma bagagem peculiar e característica de sua raça, de seus usos e costumes, suas tradições, sua religião, crenças, esperanças, idealismos, cultura e trabalho. Na cidade há vários centros tradicionalistas.

As festas regionais e religiosas são as seguintes: em janeiro, festa de Santo Antônio; em fevereiro, festa da uva e do vinho, em Val Feltrina, Silveira Martins, e o carnaval de rua, com desfiles de escolas de samba, blocos e cortes de rainha; em março há um rodeio crioulo estadual da estância de Minuano; em maio, celebra-se o mês de Santa Maria, comemorado com atividades

cívicas, culturais, desportivas e sociais; há ainda a tertúlia musical nativista e a tertúlia livre; em agosto, exposição e feira de artesanato e folclore, e o acampamento de arte nativa reunindo artesãos de todo o Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai; setembro reúne um grande número de festividades, como semana da pátria, semana farroupilha, feira da primavera (congrega vários municípios da diocese com produtos de cada região), exposição e feira agropecuária, baile de debutantes; em novembro há a romaria estadual da Medianeira no 2º domingo, o grande prêmio cidade de Santa Maria no hipódromo do Passo da Areia e na última quinta-feira o dia nacional de ação de graças; em dezembro há formaturas, feira da amizade na praça principal e a festa do Natal, que é promovida por várias entidades em conjunto para alegrar o Natal dos menos favorecidos.



A cidade é enriquecida com hotéis, lojas, indústrias, restaurantes e 15 pontos turísticos, a saber:

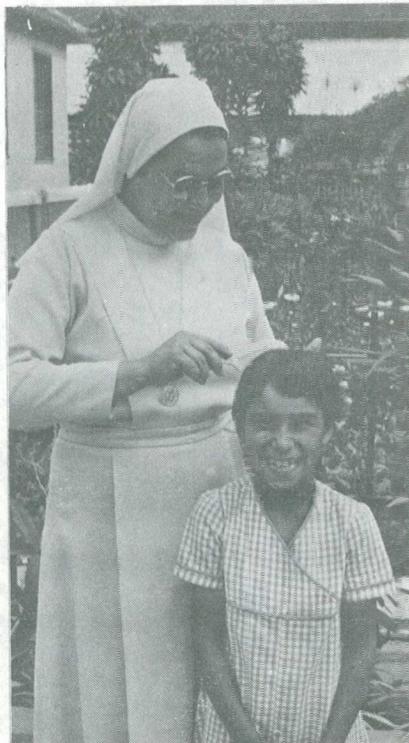
1. Monumento ao Ferroviário (bairro Itararé).
2. Morro do Cechela (bairro Itararé).
3. Museu Histórico e Cultural Vicente Pallotti (Patronato).
4. Museu da UFSM (rua do Acampamento, 81).
5. Sítio Paleontológico da Alemoa (Cerrito).
6. Campus da UFSM, com planetário, sala de artes e biblioteca.
7. Monumento do Imigrante e visita ao distrito de Silveira Martins, foco dos primeiros imigrantes italianos.
8. Val Feltrina, vale da uva e do vinho com córregos e montanhas.
9. Parque Balneário Turístico Oásis.
10. Barragem do Vacacaí-Mirim.
11. Vale e Ponte da Garganta do Diabo.
12. Distrito Industrial.
13. Estância do Minuano.
14. Estação Experimental em Boca do Monte.
15. Parque Itaimbé, com centro de atividades múltiplas, concha acústica e praças de esportes.

Há ainda para serem visitadas duas galerias de artes: AB Galeria de Arte e Jeanine Galeria de Arte-Bozano.

Nota:

Prezado leitor, se a sua cidade, de alguma forma, tem o nome relacionado com o nome de Nossa Senhora, mande dados, fotos e informações da mesma para a revista Ave Maria e serão publicados.

JÁ PENSOU NO CAMINHO A SEGUIR? QUER SERVIR?



Quer ser gente que se preocupa com gente?
UMA SUGESTÃO...
 Venha dar sua vida a Cristo na pessoa do irmão mais carente, do menor abandonado. Aqui as Irmãs, SEGUINDO São Francisco, pobres dos bens deste mundo, procuram viver o Evangelho de Cristo através de uma vida de oração, de pobreza, em dimensão de amor e serviço.

MAIS INFORMAÇÕES

Congregação das Irmãs Franciscanas de N. Senhora do Amparo.
 Av. Roberto Silveira, 150
 C.P. 90062
 25.000 Petrópolis - RJ
 Fone: 42-0868

“**I**de pelo mundo, disse Jesus, ensinai o Evangelho a toda criatura.”

É a missão dada a seus apóstolos. Missão específica, bem clara: transmitir o Evangelho, a Boa Nova que ele trazia do Pai. Sem fronteiras ou limitações de qualquer tipo: a toda criatura.

Não excluiu raça nem limitou classes sociais ou qualquer posição ideológica. Mandou pregar, falar, incutir a mensagem. Para a conversão. Para fazer discípulos. Seguidores seus.

E assim aconteceu. Aqueles que aceitavam os ensinamentos de Jesus e dos apóstolos recebiam o batismo e tornavam-se discípulos. Aprendiam e ensinavam. Auxiliavam-se mutuamente na missão. Na primeira etapa, acompanhando o Mestre, eram 72 os discípulos, fora os apóstolos.

Na segunda etapa da evangelização, depois do Pentecostes, o número crescia pelas novas conversões e em função do serviço exigido. De modo todo especial, acrescenta-se a conversão e o maravilhoso trabalho de Paulo e Barnabé. Suas viagens levavam o Evangelho aos mais distantes pontos da Europa e da Ásia. Novas comunidades surgiam e conseguiam uma grande e fraterna unidade entre todas. Iam-se a Igreja configurando no mundo através das comunidades cristãs. Fato que já preocupava os imperadores e governantes pagãos. As perseguições não poderiam tardar. Eram o grande sinal.

A Igreja missionária invadia os povos. Era a realização da ordem do Senhor. Ide por todo o mundo. E cada comunidade que nascia recebia a mesma missão. E o seu testemunho de vida já impressionava os pagãos. Veja como eles (os cristãos) se amam, diziam. De fato, todos, com a palavra e o exemplo, a oração e o serviço, transmitiam a Boa Nova de Cristo como missão.

A Igreja crescia. A participação de todos, num compromisso de vida e ação, marcava a própria existência da fé cristã. Da evangelização.

No correr do tempo, com novas

O leigo e a missão

P. Elias Leite



circunstâncias, novas exigências, surgiram outros comportamentos. A ação missionária da Igreja foi-se restringindo a grupos especializados ou especificamente vocacionados, como ordens e congregações religiosas e também leigos para o trabalho missionário. Surgiram as terras de missões. Nas paróquias fixou-se a figura do catequista. E o clero foi absorvendo toda ou quase toda atividade de evangelização doutrinária e litúrgica na Igreja. O leigo foi perdendo a voz e a vez. Com rara exceção, isso veio acontecendo até o Vaticano II.

Com o advento desse Concílio, as coisas foram mudando. Delineia-se uma volta à Igreja primitiva. Cresce a imagem do povo. E a figura do leigo surge, retomando o seu lugar. Não como uma convocação de emergência, mas como um ressurgir da vocação baptismal. Um serviço que de direito lhe pertence.

Tratando desse tema, o Vaticano II deixa bem claro nos seus documentos: "Todo e qualquer leigo, em virtude dos dons que lhe foram concedidos, é ao mesmo tempo testemunha e instrumento vivo da missão da própria Igreja, 'segundo a medida concedida por Cristo' (Ef 4,7)". É importante para o laicato esta tomada de consciên-

cia. É necessária para a Igreja esta tomada de posição.

E de longe vem o exemplo, conforme apresenta e justifica o mesmo Concílio: "Além deste apostolado, que diz respeito a todos os fiéis, os leigos podem ainda ser chamados, por diversos modos, a uma colaboração mais imediata no apostolado da hierarquia, à semelhança daqueles homens e mulheres que ajudavam o apóstolo Paulo na evangelização, trabalhando muito no Senhor (Fl 4,3 e Rm 16ss). Têm ainda a capacidade de ser chamados pela hierarquia a exercer certos cargos eclesiais, com finalidade espiritual".

É claro que determinados ministérios a ser exercidos pelos leigos devam aprender da hierarquia da Igreja, como um chamado ou convocação num sentido de colaboração e participação. Não se trata de um direito paralelo à hierarquia ou independente dela. Seria uma ação fora da mesma Igreja de Cristo que a instituiu hierárquica. E em nada a serviria num sentido comunitário. Divisões logo surgiram e, obviamente, um desserviço ao Reino de Deus. Bem o sabemos, a grande força da Igreja é a sua unidade, pelo Espírito, fruto da humildade e obediência no serviço.

É importante e necessária a atuação do leigo. Igualmente importante entender o seu sentido eclesial. Uma interpretação distorcida viria acarretar sérios transtornos. Não se trata de uma substituição ao ministério presbiterial nem a criação de uma *imagem clerical* para o leigo.

O que pretende a Igreja é que cada cristão assuma a sua posição missionária originária do batismo, seja ela ministerial seja de simples atuação na fé. O dever do leigo é ser *sinal* no mundo das realidades temporais e terrenas onde vive e mediante as mesmas. Eis o grande desafio.

O que não se concebe é a omissão. A presença atuante do leigo é imprescindível. Sua palavra ou sua voz não se torne silêncio. Sua ação concreta e decidida, corajosa e oportuna, não se amofine por trás da cortina da covarde omissão. Não temer dizer-se cristão. Não tremer quando como tal for solicitado. É desse tipo de leigo que a Igreja e o mundo precisam. Ser cristão autêntico não constitui nenhum privilégio nem conquista. É dever de fidelidade. E é Graça. Carisma.

A Igreja, hoje, conta com leigos assim? É a tarefa.

Perante os agudos problemas da sociedade contemporânea, hedonista e consumista, agnóstica e sensorial, onde a *vida* é subestimada e manipulada e a moral familiar e pessoal relegada a tabus — por onde anda a reação do laicato católico? Quem está ouvindo a sua voz ou sentindo o seu profetismo missionário?

Vivemos um momento constituinte, quando se prepara uma nova Constituição para o País. Assuntos os mais importantes se discutem, dos quais dependerão a paz e o desenvolvimento de um povo por demais sofrido como o nosso. Onde estão os seus representantes cristãos, católicos (oh os palanques eleitores!) comprometidos com o povo e com a fé?

Vamos com justiça louvar os poucos que ainda clamam e alguma coisa fazem. E não esqueçamos: na Igreja hoje, chegou a hora e a vez do leigo. ●

“Se um estrangeiro vier residir convosco na vossa terra, não o molesteis; tratai-o como um concidadão, como um de vós; e tu o amarás como a ti mesmo, porque vós habitastes quais estrangeiros na terra do Egito. Eu sou o Senhor, vosso Deus” (Lv 19, 33-34).

Edvaldo Pereira

SERVIÇO AOS MIGRANTES: Um projeto ousado

Uma cena triste e dolorosa. O palco dos acontecimentos prenunciava um destino incerto. Os personagens dessa história traziam nas mãos um desejo profundo de construir um futuro digno. Nos rostos, a marca do sofrimento. No peito, a esperança de sobrevivência. Seres humanos sendo expulsos de suas terras. Pessoas espoliadas em seus direitos fundamentais. Eram migrantes! Na bagagem reduzida, um sonho: as Américas.

A partida forçada e a miséria estampada nas feições desses oprimidos levaram Scalabrini, bispo da cidade italiana de Piacenza, a fundar uma congregação de padres e irmãos, para dar assistência aos estrangeiros. Assim, em 28 de novembro de 1887 surgiu a CONGREGAÇÃO DOS PADRES E IRMÃOS MISSIONÁRIOS DE SÃO CARLOS (carlistas).

A ousadia e sobretudo a coragem do projeto-escalabriniano sobreviveu às dificuldades da época e tornou-se uma voz forte em favor dos que se distanciavam da terra que os viu nascer. A timidez do projeto em seus primórdios hoje marca presença ativa em mais de vinte países. O



ardor de Scalabrini, apóstolo dos migrantes, ultrapassou as fronteiras pessoais e ao lado do Pe. José Marchetti e Madre Assunta Marchetti fundou em 25 de outubro de 1895 a CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS (carlistas).

Mais tarde, num ambiente de imigração e inspiração escalabriniana surge, na Suíça, em 14 de maio de 1967 o INSTITUTO DAS MISSIONÁRIAS SECULARES ESCALABRIANAS.

Cem anos depois...

Houve quem protestasse e oferecesse resistência, mas houve também quem confiasse e apostasse. E os resultados aí estão... Cem anos fazendo história com o povo oprimido e desenraizado. A luta sempre foi árdua e, não obstante as contradições e falhas que por uma série de fatores marcam a caminhada humana, os carlistas não ficaram ilesos.. Um século de lutas, perdas, vitórias e muita esperança. O desafio continua

cada vez mais contundente. Incomoda muita gente. É um apelo exigente, gritante e atual. "Eu era migrante e tu me acolheste" (Mt 25, 35).

O complexo mundo das Migrações

"Migrante é que nem folha seca que o vento leva pra onde quer."

A organização dos hebreus seminômades, anterior à sociedade tribal em Israel, caracteriza-se pela mobilidade. Hoje os chamaríamos de "migrantes sazonais". É evidente que as motivações dos hebreus seminômades de não fixação ao solo, por exemplo, não são as mesmas de nossos migrantes mas ilustram um aspecto do estar em movimento. Israel povo torna-se escravo no Egito e, dessa forma, submisso ao sistema do faraó. Saltando quantitativamente a história e deixando de lado, propositadamente, fatos relevantes, chegaremos à migração forçada dos negros. Estes sendo propriedade dos senhores feudais. Além de estrangeiros na terra de Cabral, eram negros, pobres e escravos.

Sorte semelhante tiveram os índios, habitantes tupiniquins de nossa terra mãe. Expulsos de suas legítimas propriedades, milhares foram assassinados pelos "civilizados". O século passado trouxe os europeus em busca de terras e sobrevivência. O deslocamento dos latinos também vem engrossar as fileiras do fenômeno migratório. Por último merecem destaque as migrações internas e toda a sua problemática de infraestrutura. São milhões de seres humanos correndo ao léu por este Brasil gigante.

O clamor do migrante gera vida na morte

Entre tantos fatores que abafam o grito do migrante e o expulsam da

terra, está a maquinização do campo que faz do braço do trabalhador uma peça inútil, obsoleta e inadequada. O homem simples chora morte e gera vida e o latifundiário egoísta acumula só para si e acaba com a vida produzindo morte.

Para entender um pouco a complexidade da mobilidade humana e acima de tudo para estar ao lado desse povo "marginal", os carlistas criaram os centros de estudos migratórios e os centros de pastoral dos migrantes. Na perspectiva de entender mais de perto e contribuir com soluções, os escalabrinianos promovem nos centros de estudo possibilidades várias de um aprofundamento do fenômeno migratório, bem como a oportunidade de experimentar *in loco* a realidade do migrante.

Dimensões da obra escalabriniana

O ideal escalabriniano a princípio voltado para a assistência aos imigrantes italianos amadureceu, cresceu e descortinou os horizontes culturais da especificidade original. O próprio fundador da congregação, Scalabrini, aberto às solicitações de uma sociedade em desenvolvimento, demonstra com especial ênfase, numa de suas frases lapidares, a necessidade de se acompanhar a evolução humana. "O mundo anda depressa e nós não podemos parar". Hoje, o escalabriniano procura estar em sintonia com o clamor e com a espiritualidade dos desenraizados. Significa estar imbuído teologicamente do drama experimentado na carne por quem é arrancado ou expulso de seu ambiente.

O escalabriniano não tem pátria nem fronteira. Deve migrar com quem migra, sofrer com os peregrinos. O apelo nasce na grande massa oprimida em movimento.

Os números...

Espalhados em 22 países, os padres carlistas somam um total de 602 sacerdotes. Além dos sacerdotes, a congregação conta com mais 200 membros, entre irmãos, religiosos e noviços. Os seminaristas completam o quadro somando um total de 546.

No Brasil, atuam em onze Estados (RS, SC, PR, SP, RJ, GO, PA, MT, DF, Acre e Rondônia). Além do trabalho em 60 paróquias, dois orfanatos, 12 casas de formação, deve-se acentuar a especificidade do carisma carlista: a pastoral migratória. Isto se dá através dos três centros de estudos migratórios: CEM (Centro de Estudos Migratórios), localizado em São Paulo (SP); CEPAM (Centro de Estudos de Pastoral Migratória), em Porto Alegre (RS), e o CEPAMI (Centro de Estudos e Pastoral Migratória) em Mato Grosso.

Outro serviço relevante prestado aos migrantes pelos carlistas se concretiza através dos Centros de Pastoral dos Migrantes (CPM). Nesses centros, um em Cuiabá (MT) e outro na baixada do Glicério, em São Paulo (SP), o migrante é acolhido e orientado de acordo com suas necessidades mais urgentes.

Merece destaque também o SPM (Serviço Pastoral dos Migrantes), organismo ligado à linha 6 da CNBB, responsável pela pastoral social que tem raízes profundamente arraigadas no espírito escalabriniano.

Celebrar cem anos de existência é, sem sombra de dúvidas, motivo de grande orgulho. Celebra-se a vida, a luta e a coragem de um número expressivo de pessoas que contribuíram para que o sonho se tornasse realidade. O projeto agora é real. As conquistas alcançadas alicerçam um compromisso contínuo com a Igreja e os migrantes. Hoje, em sintonia com a opção preferencial da Igreja latino-americana pelos pobres, para o escalabriniano a opção é decisiva e efetiva em favor dos migrantes. ●

Um Natal diferente

Myrian Vallias de Oliveira Lima

Antônio colocou a ponta da caneta na boca. Mordiscou-a. Sinal de que está nervoso, pensou Maria, à sua frente. Olhando-o com ternura e expectativa.

— É... — Antônio voltou-se para a folha de papel e pôs-se a examinar seus cálculos. Com uma expressão de desânimo encarou sua mulher.

— Mesmo com o décimo terceiro, nem por sombra poderemos pensar em presentes e comemorações natalinas! Não sei como as crianças irão reagir a isto...

Fez-se silêncio no apartamento modesto! Poder-se-ia ouvir o ressonar das crianças no quarto. Eram três moleques, com idades variando entre 6 e 10 anos. Antônio era bancário. Maria, professora primária.

Maria pensou em suas carinhas e na lista que todo ano colocavam no presépio. Para o Menino Jesus levar para o Papai Noel. Muitos dos pedidos normalmente não eram satisfeitos. Nada mais eram do que uma repetição dos anúncios que a TV vomitava diariamente. E agora? Iriam ficar muito frustrados? Que fazer? O aluguel mais do que dobrara. As taxas escolares estavam muito altas. Alimentação, idem. Roupas, nem se fala. Mesmo passando-as de um para o outro não dava para resolver a contento o problema. Estavam numa fase na qual cresciam a cada dia. Segundo Antônio, parecia que tinham pregos nos joelhos e nos traseiros...

Maria sossegou os pensamentos por um instante. Como que para mergulhar ainda mais no seu lá dentro. Antônio, que a observava, viu-a e escancarar os olhos.

— Sabe, tive uma idéia!

— Não vai me dizer que é a de empregar seu anel de formatura e a correntinha de batizado!? Lembre-se de que já estão no prego...



— Não! Nem esperar a quina da loto... Sou um tremendo pé frio.

— Ainda bem e, afinal...

— Afinal... Pra que Deus nos deu cabeça, heim? — Maria deu uma risada alegre.

Ainda bem que você é uma pessoa otimista... Pensando bem, somos felizes por termos o suficiente para nos manter. Nossos filhos são saudáveis. Você pode trabalhar para me ajudar... Temos mais é que agradecer a Deus.

— Sabe por que minha risada? Fiquei imaginando colocarmos a nossa situação para as crianças. E bolarmos, em conjunto, um Natal especial. Verdadeiramente cristão. Fiquei pensando nas pessoas na rua, mal podendo andar equilibrando pacotes. As lojas cheias, gente se acotovelando e os pobres vendedores extenuados. — Tomara que acabe logo este Natal! — As pessoas irritadas comprando presentes por obrigação. Outras, recebendo-os e concluindo que melhor seria se não os tivessem ganho. “As mesmas inutili-

dades de sempre...” A ressaca por terem bebido e comido muito na ceia... Não acha ridículo isso tudo? E o significado religioso da data?

Foi a vez de Antônio rir, descontraído.

— Você... no que é que você foi pensar!... Sua idéia, esta é genial!

Noite do dia seguinte. A família está reunida à mesa, após o jantar.

— Gente, precisamos ter uma conversa séria com vocês — começou Antônio.

— Eu fiz meus deveres!

— Eu também!

— Não fui eu quem quebrou o copo na cozinha!

Os três meninos falaram ao mesmo tempo. Ressabiados.

— Calma, calma! — disse Maria. — É outro papo que papai vai ter.

— Sabe, mamãe e eu estivemos conversando sobre as comemorações do Natal e queríamos a ajuda de vocês. A grana não vai dar para as encomendas de Papai Noel. Mas queremos que este seja um dia muito feliz para nós e para Jesus. É dia de seu aniversário...

— Se o aniversário é dele, ele é que tem que ganhar presentes, não é?

— Bem lembrado, Zeca. — Antônio falou com ternura para o caçula.

— E que presentes poderemos lhe dar? Afinal, foi Ele que veio parar nos salvar!

As crianças ficaram pensativas por alguns instantes.

— Prometo não brigar! Não vou tocar a campainha do vizinho! Vou arrumar minhas coisas! Vou ajudar a mamãe! Vou engraxar os sapatos... As promessas se sucedem até que:

(Continua na página 30)

OUTRAS IDÉIAS PARA A CEIA NATALINA

APERITIVO: "CHRISTMAS COCKTAIL"

Ingredientes:

1 lata de leite condensado
vinho do Porto
conhaque
5 nozes picadas
gelo picado

1. Coloque no liquidificador a lata de leite condensado, 1 lata de vinho do Porto, 1 xícara (café) de conhaque e as nozes picadas.
2. Complete o copo do liquidificador com o gelo picado.
3. Bata bem tudo.
4. Sirva em seguida.

ENTRADA: FIGOS COM PRESUNTO CRU

Ingredientes:

12 figos
400 g de presunto cru

1. Com a ajuda de uma colher de sopa, solte a casca dos figos partindo da base, sem removê-las.
2. Arrume as tiras de presunto ao lado dos figos.

PRATO PRINCIPAL: PERU COM MAÇÃ

Rendimento: 12 porções

Ingredientes:

1 peru de 2 a 3 quilos
cheiro verde, vinagre, azeite,
vinho, sal, pimenta, limão, maçãs
(o suficiente para rechear o peru),
manteiga, bacon (papel alumínio,
linha, agulha)

1. Faça um vinha d'alhos com temperos frescos e verdes, vinagre, azeite e vinho, sal e pimenta.
2. Deixe o peru neste tempero por uma noite.
3. Recheie-o com maçãs picadas em pedaços e regadas de limão.
4. Soque bem as maçãs e costure a abertura.
5. Besunte o peru com manteiga, embrulhe-o com papel alumínio e asse por 2 horas.
6. Remova o papel alumínio, junte o restante da vinha d'alhos, proteja o peito com tiras de bacon e asse por mais 1 hora aproximadamente, conforme o peso do peru.
7. Sirva-o com farofa.

ACOMPANHAMENTO: FAROFA

Rendimento: 8 porções

Ingredientes:

5 colheres de manteiga
Miúdos de peru picadinhos
1 cebola ralada
Fondor Maggi a gosto
2 ou 3 ovos cozidos
1 xícara (chá) de presunto
picadinho
1 xícara (chá) de passas sem
sementes

1 xícara (chá) de ameixa preta
picada
2 a 3 xícaras (chá) de farinha de
milho (ou de mandioca)

1. Frite os miúdos na manteiga e vá pingando água até ficarem bem cozidos.
2. Junte a cebola, tempere com sal e pimenta (ou fondor) e misture o restante dos ingredientes, tendo o cuidado de juntar a farinha aos poucos, para obter uma farofa úmida.

SOBREMESA: ESTRELAS EM CALDA

Rendimento: 10 a 12 porções

Ingredientes:

1 quilo de carambolas grandes e
perfeitas
4 xícaras de açúcar
1/2 xícara de água
1 colherinha de caldo de limão
1 colherinha de essência de
amêndoas

1. Corte as arestas ressecadas das carambolas, tire uma fatia de cada ponta e parta-as atravessadas em fatias de 1/2 cm mais ou menos.
2. Retire com cuidado as sementes.
3. Faça uma calda com o açúcar e a água.
4. Jogue dentro as "estrelas" e deixe em fogo forte até ferver.
5. Continue cozinhando mais um pouco em fogo lento.
6. Retire logo que amaciar para não ficarem moles e deformadas.
7. Junte uma colherinha de essência de amêndoas.
(Pode ser servida sobre sorvetes, bolos, tortas e gelatinas.)

ALCOOLISMO: A doença que pode aniquilar

AL-ANON: A irmandade que pode salvar

Donald Lazo

(continuação)

Uma das premissas mais difíceis de aceitar por parte dos recém-chegados a um grupo familiar de Al-Anon é a de que o cônjuge do alcoólatra também está doente. “Ele é que tem o problema, eu não” é o refrão ouvido constantemente. E, de fato, o cônjuge ou familiar não está doente da mesma forma que o alcoólatra. Mas as aflições que a “co-alcoólatra” tem de suportar podem muitas vezes produzir uma forma de doença — psíquica, emocional e até física — que é tão real quanto a do alcoólatra. Em alguns casos, poderá requerer tratamento até mais urgente. “O alcoólatra, pelo menos, é anestesiado uma parte do tempo”, explica uma autoridade, “mas a co-alcoólatra sofre o peso inteiro do problema 24 horas por dia”. (Se bem que é extremamente comum encontrar a esposa de um alcoólatra já viciada nos calmantes ou soporíficos que lhe foram receitados pelo médico que ela procurou para aliviar seu nervosismo.)

Uma das opiniões de Al-Anon é que o cônjuge de alcoólatra precisa ter sua sanidade restaurada, e isto às vezes deixa os recém-chegados perplexos, pois eles não percebem que precisam daquilo. Do jeito que elas vêem o problema, é o alcoólatra que se comporta irracionalmente, certamente não elas. Mas os participan-

tes mais antigos de Al-Anon lhes perguntam, gentilmente: “Alguma vez você jogou toda a bebida em casa pela pia? Não lhe ocorreu que o alcoólatra simplesmente sairia e compraria mais? Quer dizer, você não entendia que estava meramente jogando dinheiro pela pia? Considera isso um comportamento são?”

Ou alguma vez ficou tão furiosa e enojada que esvaziou a garrafa na cabeça de seu alcoólatra que dormia no sofá? Ou jogou alguma coisa que quebrou e depois teve que recolher os pedaços sem ter conseguido qualquer resultado positivo?

Está permitindo que sua vida seja governada inteiramente pela doença de seu alcoólatra. Você fica censurando-o e fazendo-lhe sermões, perdendo tempo e energia na tentativa de forçá-lo a parar de beber? Nunca deu para ver o quão inúteis são todas essas manobras?”

Aos poucos, os iniciantes começam a inclinar a cabeça. “Nunca vi a coisa desse ponto de vista”, dizem, admirados.

O programa de Al-Anon tenta explicar por que um comportamento são, equilibrado e consistente é tão necessário. Explica que a esposa que age por ignorância e desespero só conseguirá prolongar os anos de bebida e a agonia que os acompanha. Toda vez que ela grita, xinga, chora e joga coisas, ela dá ao alcoólatra a justificativa que ele quer para sair e beber. “Se você tivesse que viver com aquela doida, você beberia também”, ele explica para os amigos. Com certeza, a esposa deveria aprender a desligar-se do problema do alcoólatra (já que não adianta dar sermões, xingar etc.) e deixar que *ele* aceite a responsabilidade pelos seus atos.

60 milhões de brasileiros

Acima de tudo, a co-alcoólatra precisa entender que o tempo gasto tentando controlar o comportamen-

to do alcoólatra é tempo perdido. Porque aí os dois estão tentando fazer o impossível: o marido está empenhado em controlar a bebida, e a esposa está empenhada em controlar o marido. Como já tenho explicado em inúmeros artigos: não adianta tentar fazer o alcoólatra parar de beber. Todo o seu esforço e toda a sua energia deveriam ser despendidos para fazer o marido *QUERER* parar de beber, o que é algo muito diferente.

Mesmo depois de aceitar que o alcoolismo é uma doença, muitas co-alcoólatras ainda não admitirão o quanto elas mesmas têm sido afetadas. “É difícil para as pessoas reconhecer como nós alcoólatras ‘transmitimos’ nossa doença a nossos familiares”, diz um ex-bebedor que já está sóbrio há muitos anos. “Não que elas cheguem a beber, também. Mas se tornam psicologicamente empenhadas. Na Al-Anon, tenta-se endireitá-las.”

Ninguém duvida que exista uma necessidade deste tipo de ajuda no nosso país. Estima-se que o número de alcoólatras no Brasil chegue a 12 milhões, e que cerca de 60 milhões de brasileiros são co-alcoólatras. ●



CHÁCARA REINDAL Especializada em alcoolismo

*Sua melhor chance de se
recuperar do alcoolismo e
iniciar uma vida nova,
produtiva e feliz.*

Cx. Postal 20.896
01498 São Paulo, SP
(Fone: (011) 520-9514)

A palavra de Deus na liturgia eucarística

EPIFANIA — 03/01/88

DEUS SE MANIFESTA A TODOS OS HOMENS



1ª LEITURA: *Is 60,1-6:*

Este trecho é uma mensagem consoladora do Senhor à comunidade que regressa do exílio, cuja esperança e fé devem ser sustentadas. O profeta olha a Jerusalém humilde que apenas renasce de suas ruínas, mas esta, de repente, se transfigura com a luz da fu-

tura Jerusalém, plena das riquezas de Javé. Nesta profecia, Jerusalém é, portanto, vista como centro do mundo então conhecido. E a profecia se realiza plenamente quando os magos do Oriente, conduzidos por uma estrela, se apresentam em Jerusalém, procurando o Messias nascido na cidade de Davi e trazendo as riquezas das quais falava Isaías. Ali, em Jerusalém, se realizarão todas as aspirações de uma humanidade purificada e reunida na luz de Deus, riquezas estas que são a fé, a compreensão, a fraternidade, a justiça e a valorização da pessoa humana; e elas brotarão do coração daquele que assumir a mensagem de Jesus em sua vida.

2ª LEITURA: *Ef 3,2-3a.5-6:* “Paulo nos fala que os gentios participam também nas promessas divinas, em Cristo. Sabemos que as promessas do AT se dirigem a Israel. Mas Deus vê mais longe. Isso, já os antigos profetas o sabiam, mas o judaísmo o esqueceu. Até Paulo o aprendeu com surpresa: a revelação do grande mistério, de que também os gentios são chamados à paz messiânica, e a revelação de sua missão pessoal, de levar esta Boa Nova aos pagãos” (J. Konings, *Espírito e mensagem da liturgia dominical*). Paulo chama toda a humanidade para ser um só corpo, sem distinção de raças; Jesus já havia proclamado esta igualdade (Mt 20). Isto deve gerar em nós, membros vivos do corpo de Cristo que é a Igreja, questionamentos a respeito de nossa busca de união e caminhada comunitária: estamos procurando viver a mensagem de Cristo sem visões discriminatórias, preconceituosas ou estereotipadas? Procuramos viver em nossa comunidade o ideal da união valorizando o pluralismo? A mensagem de Cristo encontra o espaço necessário para crescer em nós ou está sendo barrada e ignorada?

EVANGELHO: *Mt 2,1-12:* “Nesta narração o evangelista Mateus quer apresentar Jesus a seus leitores. Mas também quer preludiar o drama que se desenrolará no decorrer de seu livro e que culminará na Cruz. Jesus, este

Ilustrações: extraídas do Missal Dominical — Edições Paulinas.

menino nascido em Belém, no tempo do rei Herodes, é o rei dos judeus, o Messias, rejeitado pelo seu povo e aceito pelos pagãos” (*A mesa da palavra*, ed. Vozes). Vemos no evangelho que os magos se colocam a caminho para adorar a Jesus. São guiados por Deus. O mesmo Deus manifesta sua vontade a todos os homens por meio das inspirações de sua graça e dos acontecimentos da vida. Só se entende a vontade de Deus tendo o coração desapagado dos bens da terra e atento às coisas de Deus. Os magos aceitam os incômodos de uma longa viagem para adorar a Jesus. Muitas vezes, para cumprirmos a vontade de Deus, teremos de renunciar às comodidades, à nossa vontade. Como os magos, importa que aceitemos os sacrifícios que o cumprimento da vontade de Deus nos pede.

COMENTÁRIO: Os textos da solenidade da Epifania do Senhor nos falam da manifestação de Deus a todos os homens. Isaías mostra Jerusalém como centro do mundo. Paulo afirma que os gentios são co-herdeiros das promessas feitas de Israel. No evangelho, vemos que como os magos muitos homens empreendem uma longa caminhada para buscar Deus que se manifesta na fragilidade do filho de Maria. O menino Jesus é apresentado a todos os homens, e esta história dos magos é a nossa própria história: caminhantes, peregrinos que buscam a Deus.

Ronaldo Mazula, cmf

BATISMO DE JESUS 10/01/88

JESUS, BATIZADO PARA NOS SALVAR



1ª LEITURA: *Is 42, 2-4.6-7:* Nestas linhas temos o primeiro dos Cantos do Servo de Javé. O servo é a aliança com os povos, luz das nações para restaurar a paz e a felicidade de todos os oprimidos. No contexto histórico, este canto celebra a vinda de Deus para salvar o po-

vo judeu. Este conquistador aparece quando, desde séculos, o povo do Oriente Médio vivia uma situação conturbadora e insegura: sucessão de guerras, de repressões, matanças e com uma fome quase permanente dos pequenos povos. O servo ganha a confiança do povo e lhe traz a paz. Aí, o profeta vê nele o iniciador dos tempos novos

em que Deus se dará a conhecer à humanidade e vê nele alguém pouco menor que o Messias. Tudo o que disse de Ciro pode-se referir a Cristo, verdadeiro Messias, e, quando vierem os tempos do evangelho, os apóstolos reconhecerão neste poema um anúncio de Jesus e sua salvação.

2ª LEITURA: *At 10,34-38*: Esta leitura é o resumo do querigma ou anúncio dos apóstolos ao mundo, proclamando a missão de Jesus como Messias e Filho de Deus, a partir de seu batismo por João. Em *At 10*, esta proclamação é feita aos pagãos, amigos do centurião Cornélio, o que dá um tom específico de universalismo a esta leitura. O espírito da liturgia de hoje nos leva a ver no homem de Nazaré o servo e filho de Deus, enviado para aliviar a opressão de seu povo e ser assim um testemunho da graça de Deus para todas as nações.

Portanto, este trecho é um verdadeiro resumo e dá o esquema básico dos evangelhos sinóticos (*Mt, Mc e Lc*). Neles, após a pregação de João Batista e do batismo de Jesus, narra-se a atividade de Jesus na Galiléia, na Judéia e em Jerusalém, onde ele foi crucificado, ressuscitado e apareceu aos apóstolos. O Jesus ressuscitado é aquele mesmo Jesus de Nazaré que fez aquilo de que os apóstolos eram testemunhas oculares e auriculares durante a sua vida mortal.

EVANGELHO: *Mc 1,7-11*: João Batista batizava em sinal de conversão, ou seja, de uma atitude humana. Todavia, anunciou Jesus como aquele que batizaria “com o Espírito Santo”; portanto, realizando uma obra divina. Este texto de Marcos mostra-nos como Jesus é investido de sua missão. E ainda nesta visão de Marcos, o batismo de Jesus é o começo do fim, a “inauguração secreta” do tempo messiânico: só Jesus o sabe, por enquanto. Jesus sabia que ser batizado por João estava nos planos do Pai. Cumpre assim a vontade do Pai, dando-nos um bom exemplo. Muitas vezes teremos que nos sujeitar às exigências que podem parecer não estar em consonância com nossa dignidade. E a atitude humilde de Jesus recebeu a recompensa pública. É diante da multidão que o Pai proclama sua filiação divina. Se formos humildes diante dos homens, Deus nos exaltará. A festa de hoje é uma transição do Tempo Natalino ao Tempo Comum. Comemora o início da atividade evangelizadora de Jesus, quando ele foi revelado “filho de Deus” e alude também à nossa filiação divina. A festa do batismo de Jesus comemora, por assim dizer, sua missão explícita como executivo de Deus. Esta missão de “executivo” é designada, biblicamente, pelo termo FILHO. Filho de Deus é quem lhe pertence completamente. Pode ser o rei, o povo de Israel, o homem justo e piedoso. Mas Jesus o é de maneira insuportável. Seu batismo é o início de seu assumir expressamente a justiça do Pai, que é levar a Boa Nova aos pobres.

Ronaldo Mazula, cmf



2º DOMINGO DO TEMPO COMUM

17/01/88

VOCAÇÃO: BUSCA, CONVITE E RESPOSTA



1ª LEITURA: *1Sm 3, 3b-10.19*: Samuel, desde seu nascimento, em agradecimento pelo favor de Deus a sua mãe estéril, foi dedicado ao serviço de Deus. Mas este serviço não esgotou sua missão. Antes que ele fosse capaz de o entender, Deus o chamou para a missão de profeta: “Fa-

la, teu servo escuta”. Vemos aí que escutar é a primeira tarefa do porta-voz de Deus. E este chamado de Deus a Samuel nos ajuda a recordar que para cada homem há uma vocação, quer dizer, que Deus o chama e o destina a realizar uma obra própria. Por isso, faz-se necessário perguntar qual é a nossa vocação e o que Deus quer de nós, aqui e agora.

2ª LEITURA: *1Cor 6,13c-15z. 17-20*: Nesta leitura São Paulo nos mostra que comete idolatria a pessoa que se vicia nos prazeres do corpo, colocando-os acima de tudo. O homem não é feito para o corpo, mas o corpo para o homem e este para Deus, de modo que seu corpo é habitação de Deus. Insiste ele que o corpo dos batizados é templo do Espírito Santo, logo, não pode pactuar com a fornicção, que é um pecado contra o próprio corpo. Há outros pecados contra o corpo (suicídio, embriaguez, tóxicos...), mas a fornicção é feita no corpo e com o corpo. Assim, somos chamados a nos questionarmos e a questionar toda a nossa sociedade, infelizmente marcada por um liberalismo sexual que não visa em nada à dignidade da pessoa humana, mas sim à exploração do corpo como objeto de prazer.

EVANGELHO: *Jo 1,35-42*: Vemos que o evangelista João, preocupado em dar-nos melhores condições de entender o significado profundo das atuações de Jesus, se fixa em detalhes que às vezes não nos chamam a atenção. Ele considerou que Jesus viera para uma nova criação do mundo e relatou as primeiras atitudes de Jesus, como se tivessem acontecido em sete dias. No primeiro dia, João Batista afirmava: “Há um em vosso meio que vós não conheceis”. Assim, vemos que durante a semana João Batista e depois João, André e Simão descobrem a Jesus. O último dia será o das bodas de Caná, onde Jesus lhes mostrará a sua glória. Estes homens começam a conviver com Jesus. Com o tempo descobrem que ele é o Mestre, o Messias, o Filho de Deus. Vemos também em João Batista um desprendimento em relação a seus discípulos: envia-os a Jesus, e logo eles lhe trazem outros. Assim também deve ser a nossa atitude: devemos falar dele sempre mais após o nosso encontro com ele.

COMENTÁRIO: Nos três anos do ciclo litúrgico, o domingo depois do batismo do Senhor tem como evange-

lho um trecho da narração joanina do testemunho de João Batista diante de seus discípulos e a vocação dos mesmos por Jesus, episódio que não ocorre nos evangelhos sinóticos.

Hoje, trata-se do encaminhamento de dois discípulos de Batista junto a Jesus, que, respondendo à busca deles, os convida a “vir e ver” e ficar na sua companhia. Por isso mesmo, o tema central deste domingo é a vocação e o nosso seguimento, em resposta, ao Filho de Deus. Ao nascer, o homem nasce para o desafio e missão de transformar a própria vida numa plenitude. Esta plenitude, afirma a Bíblia, chama-se Deus. E o caminho para se chegar a ele se chama Jesus. Os discípulos do evangelho de hoje tudo abandonaram para segui-lo; e da mesma forma nós somos chamados a segui-lo, abandonando o mal e o mundo das trevas, para que em nós se façam vivos e patentes os traços do Filho de Deus.

Ronaldo Mazula, cmf

3º DOMINGO DO TEMPO COMUM

24/01/88

O REINO DE DEUS PEDE A CONVERSÃO



1ª LEITURA: *Jn 3,1-5.*

10: Vemos neste texto a pregação da conversão de Jonas. Nesta leitura nos é mostrado que Deus quer a conversão de todos, e não só do povo de Israel. Por isso, Jonas deve pregar a conversão em Nínive, capital do Império dos gentios-pagãos-pecadores. Vemos que ele é escutado pelo povo e pelo rei, que fazem penitência e se convertem. Assim, concluímos que Deus oferece como dom de sua graça o chamado à conversão, e que quem o aceita, é sábio...

2ª LEITURA: *1Cor 7,29-31:* O capítulo 7 desta epístola ocupa-se com o matrimônio e o celibato. A presente leitura pretende dar uma justificativa escatológica (referente ao fim dos tempos) a estes estados de vida, peculiarmente aos dos que renunciam voluntariamente ao matrimônio.

“Paulo, nos versículos anteriores, dava mais realce à virgindade do que ao matrimônio, em virtude dos compromissos e ansiedades ligadas ao estado conjugal, que impedem a entrega total e radical ao serviço do Senhor, razão última do celibato. Para não semear inquietude, o apóstolo prossegue dizendo que, se a virgindade é melhor, contudo não é um preceito, em que o matrimônio não é mau, mas sua estrutura nem sempre facilita a união com Deus. Dirige-se aos solteiros para que em sua opção tenham presente a precariedade dos bens desta vida” (*A mesa da palavra*, ed. Vozes).

EVANGELHO: *Mc 1,14-20:* “Marcos é o evangelho da ‘irrupção do reino de Deus’. Jesus aparece como um profeta apocalíptico, anunciando a Boa Nova da chegada do reino e pedindo conversão e fé na Boa Nova. Mas ele não apenas apregoa. Ele tem também autoridade do reino, o que se mostra na expulsão de demônios e outros sinais. Ele é o Filho de Deus. Contudo, nem mesmo os discípulos o reconheceram como tal. Somente depois da Ressurreição, entenderiam isso e fariam de Jesus mesmo o conteúdo da Boa Nova que iam pregar...” (J. Konings, *Espírito e mensagem da liturgia dominical*). Vemos que a narração tem um valor querigmático: mostra o impacto da novidade de Jesus. Não que os evangelhos exigem que todos sigam a Jesus como os dois pares de irmãos, mas de toda maneira os que mais tarde serão “enviados” (os apóstolos) acolheram a mensagem do reino de modo exemplar. Observe-se também o novo modo como Jesus chama os discípulos: não são estes que procuram o seu mestre, como era costume no padrão rabínico. É o Mestre Jesus que procura seus discípulos. E estes nunca serão seus substitutos como era costume entre os rabinos. Só um será o Mestre (Mt 23,8).

COMENTÁRIO: A liturgia de hoje mostra-nos que o reino se faz presente e que as duas atitudes a serem tomadas diante dele são: a conversão e a fé. A primeira consiste em profunda transformação interior e pode-se dizer que nela o homem encontra a própria identidade, para além de todos os limites e valores até então alcançados. Nesse sentido, é ela o marco inaugural da fé que constitui um confiar-se o próprio ser, a própria pessoa à verdade do Deus cuja palavra se reconhece nos lábios do profeta... No evangelho, o gesto de deixar tudo e seguir denota a conversão e colhe a fé. Mas a fé arrebatada em seu interior a conversão e, com ela, revolve o homem, criando nele e por ele a presença do reino.

Ronaldo Mazula, cmf

4º DOMINGO DO TEMPO COMUM

31/01/88

A PALAVRA DE DEUS LEVA À AÇÃO



1ª LEITURA: *Dt 18,15-20:* O capítulo 18 do Deuteronômio trata dos direitos dos sacerdotes levíticos (1-8), das falsas expressões do profetismo (9-14), do ofício do profeta em Israel (15-20) e do critério para distinguir o verdadeiro do falso profeta (21-29). As origens do profetismo, considerado legítimo em Israel, são projetadas por Dt 18,15-20 para o período de peregrinação no deserto, para contrapor-se às expressões proféticas que Israel encontrou depois de Canaã. O Dt vê a instituição profética

considerado legítimo em Israel, são projetadas por Dt 18,15-20 para o período de peregrinação no deserto, para contrapor-se às expressões proféticas que Israel encontrou depois de Canaã. O Dt vê a instituição profética

como uma continuação do ofício mediador de Moisés. Como Moisés deu a conhecer a vontade divina contida na Lei do Sinai, assim o profeta tem a obrigação de tornar conhecida esta mesma vontade ao povo. Ele é um intérprete da Lei, um intermediário entre Deus e os homens que deve vigiar e promover sempre de novo a fidelidade à Aliança.

2ª LEITURA: *ICor 7,32-35*: Paulo nota como o matrimônio introduz um fator de divisão nas preocupações de quem quer servir a Cristo. Paulo, pois, advoga pelo caminho da castidade por causa do reino de Deus. Em Corinto, cidade famosa onde centenas de prostitutas viviam em torno dos templos, segundo o costume pagão, a comunidade cristã estava descobrindo o caminho da virgindade. Paulo não dá ordens, e sim bons conselhos, recomendando este caminho aos que receberam a graça de segui-lo. Por isto, o fato de que cada batizado esteja consagrado ao Cristo é para Paulo um argumento eficaz em favor da castidade.

EVANGELHO: *Mc 1,21-28*: Neste evangelho vemos que a palavra de Jesus é um acontecer e um agir. Por isso, Marcos não narra o conteúdo do que Jesus pregou na sinagoga de Cafarnaum, mas sim o efeito desta sua pregação: Jesus age com autoridade, força e segurança, e é reconhecido como um representante de Deus. Sabemos que Jesus não ensinava à maneira dos mestres da Lei e rabinos, que repetiam a interpretavam a Lei apoiando-se uns nos outros. Ele assume a sua missão e dá o seu tom divino-

peçoal: "Em verdade eu lhes digo..." Este evangelho convida-nos a tomar a atitude de Jesus, sair pelas "sinagogas" do mundo levando a mensagem do reino e enfrentando todas as formas de males (demônios) existentes em nossa sociedade, sejam elas o egoísmo, a violência, a injustiça etc...

COMENTÁRIO: Refletimos hoje, como tema central da liturgia, sobre a revelação da autoridade divina de Jesus Cristo.

Tendo como ponto de partida o evangelho, podemos ver que a autoridade de Jesus se revela na sua atuação e nos seus ensinamentos.

Que possamos aprender algo da atitude de Jesus. Primeiramente, vemos que Ele não condenou ninguém, não rotulou ninguém de pecador, mas libertou perdoando. Libertou os doentes da doença, curando. Hoje em dia ouvimos dizer que o Cristianismo, a Igreja, as Instituições Religiosas estão em crise. Se isto realmente está acontecendo, poderíamos nos perguntar o porquê disso. Certamente, isto se deve e muito ao fato de que não somos mais como era Jesus: ele ensinava com autoridade, ou seja, ele não falava, mas agia e promovia a liberdade e a emancipação pessoal e social do ser humano. Assim, somos chamados a libertarmos-nos das forças malignas que povoam a nossa sociedade e estrangulam sempre mais os anseios e desejos de justiça, paz, fraternidade e amor.

Ronaldo Mazula, cmf

LEITURAS LITÚRGICAS PARA OS DIAS DE SEMANA

JANEIRO: Dia 1, 6ª-F.: Nm 6,22-27; Gl 4,4-7; Lc 2,16-21. Dia 2, SÁBADO: 1Jo 2,22-28; Jo 1,19-28. (Dia 3, DOMINGO) Dia 4, 2ª-F.: 1Jo 3,22-4,6; Mt 4,12-17.23-25. Dia 5, 3ª-F.: 1Jo 4,7-10; Mc 6,34-44. Dia 6, 4ª-F.: 1Jo 4,11-18; Mc 6,45-52. Dia 7, 5ª-F.: 1Jo 4,19-5,4; Lc 4,14-22a. Dia 8, 6ª-F.: 1Jo 5,5-13; Lc 5,12-16. Dia 9, SÁBADO: 1Jo 5,14-21; Jo 3,22-30. (Dia 10, DOMINGO) Dia 11, 2ª-F.: 1Sm 1,1-8; Mc 1,14-20. Dia 12, 3ª-F.: 1Sm 1,19-20; Mc 1,21b-28. Dia 13, 4ª-F.: 1Sm 3,1-10.19-20; Mc 1,29-39. Dia 14, 5ª-F.: 1Sm 4,1-11; Mc 1,40-45. Dia 15, 6ª-F.: 1Sm 8,4-7.10-22a; Mc 2,1-12. Dia 16, SÁBADO: 1Sm 9,1-4.17-19; 10,1a; Mc 2,13-17. (Dia 17, DOMINGO) Dia 18, 2ª-F.: 1Sm 15,16-23; Mc 2,18-22. Dia 19, 3ª-F.: 1Sm 16,1-13; Mc 2,23-28. Dia 20, 4ª-F.: 1Sm 17,32-33.37.40-51; Mc 3,1-6. Dia 21, 5ª-F.: 1Sm 18,6-9; 19,1-7; Mc 3,7-12 ou prs: 1 Cor 1,26-31; Mt 13,44-46. Dia 22, 6ª-F.: 1Sm 24,3-21; Mc 3,13-19. Dia 23, SÁBADO: 2Sm 1,1-4.11-12.19.23-27; Mc 3,20-21. (Dia 24, DOMINGO) Dia 25, 2ª-F.: At 22,3-16 ou At 9,1-22; Mc 16,15-18. Dia 26, 3ª-F.: 2Sm 6,12b-15.17-19; Mc 3,31-35 ou prs: 2Tm 1,1-8 ou Tt 1,1-5; Lc 10,1-19. Dia 27, 4ª-F.: 2Sm 7,4-17; Mc 4,1-20. Dia 28, 5ª-F.: 2Sm 7,18-19.24-29; Mc 4,21-25 ou prs: Sb 7,7-10.15-16; Mt 23,8-12. Dia 29, 6ª-F.: 2Sm 11,1-4a.5-10a.13-17; Mc 4,26-34. Dia 30, SÁBADO: 2Sm 12,1-7a.10-17; Mc 4,35-41. (Dia 31, DOMINGO)

(Continuação da página 24)

— Que tal rezarmos todas as noites em frente ao presépio. Quinze noites! Não é um presente legal? — A sugestão foi de João, o do meio.

— Podíamos chamar alguns amigos da vizinhança para participar — acrescentou Pedro, o mais velho.

Os pais se entreolharam comovidos. E haviam pensado que eles iriam se decepcionar...

— Outra idéia — gritou João. — A gente podia juntar todos os nossos brinquedos que pudéssemos dar para as crianças pobres!

— E eu iria com vocês levá-los ao orfanato que fica aqui no bairro mesmo — disse o pai. — Vocês até poderiam brincar um pouco com elas.

— Eu faço aquela bolachinha que vocês gostam e faremos uns saquinho. Acho que elas irão gostar.

— Será que poderei mostrar pra elas as cambalhotas que eu sei fazer? Vou com minha fantasia de palhaço da escola.

— Acho que vai ser um barato, Zeca! — concordou Maria.

E os cinco, por quase uma hora, continuavam arquitetando como presentear a Jesus. Só pararam quando Maria ordenou:

— Crianças, já é hora de dormir. Senão as aulas amanhã...

— Já?...

— Pro banheiro. Escovar os dentes. Pôr os pijamas e esperar na cama. O papai e eu cuidaremos rapidamente da louça e iremos rezar com vocês.

— Aposto que o Menino Jesus está apressado para que chegue o Natal! Como vai ficar contente! — falou o pai levantando-se.

E os três lá foram se empurrando para o banheiro. No caminho o comentário:

— Poxa! Por que só agora papai e mamãe se lembraram de fazer uma festa assim? ●

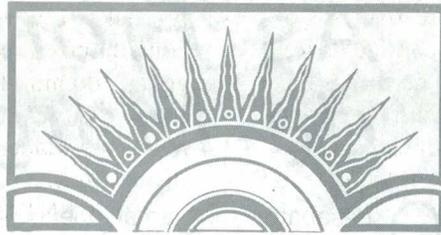
NATAL

Como, desde quando e em função do que surgiu a idéia de celebrar o Natal no dia 25 de dezembro? (2 049)
(G.S.F. — Monte Mor, SP)

No início, as duas festas, Natal e Epifania, constituíam uma única festa visando um único objeto: a encarnação do Verbo. Celebrava-se porém com diversas acentuações, sob denominações e datas diversas no Oriente e no Ocidente: aqui no dia 25 de dezembro como festa de Natal, lá no dia 6 de janeiro como festa de Epifania (de reis). A distinção em duas festas de conteúdo diverso ocorre entre o fim do século IV e o início do século V.

Em torno do ano 336, temos notícia de uma festa de Natal em Roma, onde se celebrava o 25 de dezembro. Por santo Agostinho conhecemos que na África, aproximadamente na mesma época, celebrava-se na mesma data o Natal. Para o fim do século IV, a festa está já estabelecida no Norte da Itália e considera-se como uma grande solenidade; assim também na Espanha. No mesmo período, como sabemos por um discurso de S. João Crisóstomo, também em Antioquia celebrava-se o Natal em 25 de dezembro, como festa proveniente de Roma, diversa porém da Epifania, celebrada no dia 6 de janeiro.

No nascimento da festa de Natal contribuíram diversas causas: 25 de dezembro não é, evidentemente, a data histórica do nascimento de Jesus, mas foi escolhida com a intenção, por parte da Igreja de Roma, de substituir a festa pagã do "Natalis (solis) invicti". O culto do sol estava muito difundido nesse tempo de decadência do paganismo e no solstício de inverno havia solenes celebrações. Para afastar os fiéis dessas festas idolátricas, a Igreja chamou os cristãos a refletir sobre o nascimento de Cristo, verdadeira luz que ilumina todo homem. As grandes heresias cristológicas dos séculos IV e V e a celebração dos quatro concílios ecumênicos de Nicéia, Éfeso, Calcedô-



CONSULTÓRIO POPULAR

nia e Constantinopla fizeram do Natal, sobretudo por obra de S. Leão Magno, o ensejo para afirmar a autêntica fé no mistério da encarnação.

(Cf. *Nuovo dizionario de liturgia*, ed. Paoline, Roma)
Luiz C. Botteon, cmf

AMAR É OBEDECER A DEUS

Como a Igreja explica o seguinte versículo (Mc 12,29):

"Jesus respondeu-lhe: O primeiro de todos os mandamentos é este: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor"? (2 050)
(A.E. — Bambuí, MG)

Para o povo de Israel, na sua história de salvação, Deus se manifestou revelando-se como o único Deus verdadeiro, e que além Dele não existe mais nenhum. Jesus, o Enviado por excelência do Pai, reafirma o valor de se amar e obedecer ao único Deus verdadeiro. A Igreja trilha o mesmo caminho, pois, fundada por Jesus, procura seguir os passos dele, amando a Deus e a Jesus, o seu Enviado. Para ela o único que merece ser amado e adorado é Deus (Dt 6,4s; Lv 19,18 com explicação de pé-de-página da *Bíblia de Jerusalém*).

Brasílio Biazotto, cmf

• *Aqui respondemos às perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.*

• *Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta. Neste caso, é favor enviar selos para a resposta.*

• *Correspondência para: Equipe Consultório Popular - Cx. Postal 153 - CEP 80.000 Curitiba - PR.*

IMAGEM

Como a Igreja explica o seguinte versículo (Dt 4,15):

"Tende cuidado com a vossa vida. No dia em que o Senhor, vosso Deus, vos falou do seio do fogo em Horeb, não vistas figura alguma"? (2 051)
(A.E. — Bambuí, MG)

Este versículo quer claramente proibir a confecção de imagens de deuses para adorá-lo(s) através delas, pois Deus, segundo o versículo citado, não se manifestou de forma palpável ou mensurável (nenhuma forma vista). Contudo, isto só não é causa suficiente para se proibir a confecção de imagens, pois Javé mostrou-se a alguns privilegiados: Moisés (Ex 33,18-23) e os anciãos (Ex 24,10-11). Mesmo assim as imagens devem ser proibidas quando são feitas para substituírem a Deus, para serem adoradas. Elas têm contudo seu valor, na medida em que nos fazem recordar da pessoa que existiu um dia, do seu exemplo de vida em seguimento de Jesus Cristo. É bom aqui recordar também que o Deus invisível, não palpável, se tornou visivelmente palpável, na pessoa de Jesus Cristo.

Brasílio Biazotto, cmf

PROIBIÇÕES

Como explicar 1Tm 4,2.5, que condena o matrimônio e o uso de alimentos? (2 052)
(A.E. — Bambuí, MG)

A explicação destes versículos encontra-se no próprio texto, nos versículos de 1 a 5. Neles percebe-se que não é a Igreja que proíbe o matrimônio e o uso de alimentos mas são certos "hipócritas e impostores" que, marcados na própria consciência com o ferrete da infâmia, os proíbem.

Brasílio Biazotto, cmf

MULHER, SIM!



OPRIMIDA, NÃO!

Acreditamos na dignidade da mulher e no direito que tem de ser e viver como pessoa, imagem e semelhança de Deus.

Nós, **IRMÃS OBLATAS DO SANTÍSSIMO REDENTOR**, temos este ideal:

- continuar respondendo ao "Segue-Me" de Jesus Cristo Redentor (Mt 9,9);
- e atender ao clamor das jovens e mulheres marginalizadas, num compromisso de misericórdia e libertação.

JOVEM, você quer se juntar a nós?

Pense nisso!

IRMÃS OBLATAS DO SANTÍSSIMO REDENTOR

Presença e sinal da Misericórdia do Pai junto às:

- menores abandonadas
- jovens desajustadas
- mães solteiras
- prostitutas.

Maiores informações escreva para:

CENTRO VOCACIONAL DAS IRMÃS OBLATAS

Rua Acuruí n.º 552 - Vila Formosa
03355 São Paulo Tel. 295-9069.

As Fronteiras da Marginalidade

O desabafo daquela mãe que suplicava aos policiais que, caso encontrassem seu filho caçula, por amor de Deus não o prendessem e sim que o matassem, choca profundamente, mas faz pensar ainda mais profundamente.

O que faz uma senhora, mãe de nove filhos, todos eles bem-educados e sem nenhum problema com a lei, chegar ao cansaço extremo de pedir que, para salvar seu filho de dezessete anos, a polícia o matasse? Por que chegou ao extremo de crer que a única libertação seria a morte?

"Ele é podre e mau. Encheu de vergonha e dor nossa família. Tirou três vidas humanas. Não sabe o que é amor e não merece viver mais. Eu o pus no mundo e peço desculpas de não ter educado minha cria..." E chorava copiosamente.

Nas entrelinhas estão inúmeros fatos que confundem psicanalistas, sociólogos e padres. Para eles, o menino é recuperável. Para a mãe, não. Para eles, é preciso mudar o sistema, a forma de sociedade que é a nossa, dar assistência adequada e o agora monstro de 17 anos pode vir a ser um cidadão prestante. E alegarão muitos exemplos e muitas passagens bíblicas. Para a mãe, nada disse conta. Pôs um filho no mundo e, esquecida dos outros oito filhos que gerou e conseguiu educar na fé e no respeito aos outros, sentenciou sua morte como responsável absoluta pelo bem e pelo mal dos filhos.

O que a pobre mãe talvez tenha querido dizer é que, se dependesse só dela, talvez o filho seria recuperado. Mas como ela não conseguiu, muito menos a sociedade conseguiu. E é nesse ponto que nos perguntamos se o filho se abastardou por culpa da mãe que acertou em oito filhos, ou por culpa da sociedade que oferece ambientes que corrompem. Onde começou a decadência desse menino, que até os onze anos era dócil e obediente? Em que dia começou



o grande desvio que o transformou no terror da vizinhança e da periferia?

Numa sociedade como a nossa que veicula o crime, a violência, a droga, o sexo, o desrespeito, e que faz pouco para que um menino tenha escola e ambiente sadio, a fronteira da molecagem e da criminalidade é muito estreita. Alguns moleques chegam perto do crime e voltam à normalidade. Outros chegam perto e nunca mais retornam, até o dia em que escorregam para o lado de lá.

Com a sentença de morte passada pela mãe, aparentemente resolve-se um problema de família, mas não o de uma sociedade. E a nossa está se tornando uma sociedade de mães cansadas, juizes cansados, policiais cansados e povo cansado. E esta gente é capaz de ressuscitar a lei do talião. Olho por olho, dente por dente. Matou, deve morrer! E então já não seremos nada mais que uma caricatura de nação cristã... ●

Pe. José Fernandes de Oliveira



"COLUNA DO MENOR"

Eu, J., gostaria de dizer aos membros do governo que há mais pessoas no mundo e que não é só eles que existem. Acho certo no Brasil a democracia, de que eles falam, mas não a vejo sendo aplicada. Tenho orgulho das crianças que trabalham, elas sabem enfrentar a vida, mas não acho isso muito certo. Para mim toda criança devia ter escola para estudar. A guerra é um meio de conseguirmos o que não queremos; para mim as pessoas que fazem brinquedos de guerra só vivem para si mesmas. Acho que só o amor pelas crianças, que moram embaixo da ponte ou não moram em lugar nenhum, as fará ver o mundo e enfrentá-lo com a ajuda dos amigos que conquistarão.

P.S. Espero que vocês pensem no que escrevi e tomem alguma providência ou então o tempo que gastei escrevendo esta carta não será válido.

(J.V. — Rio Claro, SP)

Papai e Mamãe, vocês já pararam e pensaram nos meninos e meninas no lixão catando papéis, papéis etc., naquela bagunça imensa, com ratos, baratas andando por lá.

Se ainda não pensaram, pensem, porque está é uma realidade de agora.

As autoridades talvez pensem nisso, mas nunca procuraram ajudar; só em épocas de eleição, ou quando pessoas importantes vêm ao país, para ver a situação de perto.

Pelo menos há alguns que olham só um pouquinho para eles, como é o caso da construção de algumas creches, escolas, casas comunitárias e outras coisas que contamos nos dedos.

Ainda para piorar temos as crianças trabalhadoras, que fazem de tudo para ganhar uma micharia de salário. Eu acho que pessoas de 0 a 14

Imagine seu filho morando debaixo de uma ponte, sem comida, sem uma roupa boa para vestir; imagine ainda ele sem o seu apoio de pai e além disso tendo que trabalhar para ganhar seu sustento.

Há muitas crianças ricas com brinquedos eletrônicos, computadores, enquanto as pobres brincam com latinhas, com coisas que encontram por aí, no lixo.

Olhe para o mundo, de um lado homens fabricando mísseis, bombas, tanques, fazendo armamento para guerra, gastando rios de dinheiro; de outro lado, um grande número de menores abandonados, analfabetos etc.

Pense no lucro que o homem teria se ele parasse de fabricar armamentos e pensasse nessas crianças pobres. Se as crianças pobres fossem acolhidas e colocadas em escolas, poderão levar o Brasil a se tornar um novo país no futuro.

Só desejo que um dia, e que esse dia seja breve, todos reflitam sobre a frase que Jesus disse e que todos devem lembrar: "QUEM ACOLHE O MENOR, A MIM ACOLHE".

(R.O. — Rio Claro, SP)

anos devem brincar, estudar, e depois começar a ajudar o pai em seu trabalho.

A escola é a parte fundamental da vida de uma criança, porque sem estudo a criança não pode pensar que quando crescer vai ser um advogado, juiz, industrial, político. A escola é a raiz de uma criança.

As crianças que passam fome é um dos problemas mais graves do mundo, porque não é só no Brasil que crianças passam fome, existem muitos outros lugares. A criança é o nosso futuro; se nós cuidarmos bem delas, no futuro estaremos assegurados.

Outro ponto é a guerra; a guerra leva as crianças a uma fantasia muito grande e animadora.

Esta fantasia faz com que a criança pense que quando crescer vai ser um soldado que briga com felicidade, com fé, com patriotismo. Mas não é nada disso a guerra para nós.

Eu acho que o governo deveria ajudar, falar com sinceridade e então esclarecer o que ele pode, e o que não pode fazer pelo povo brasileiro.

Resumindo este parágrafo, o governo deveria "criar vergonha na cara".

(F.O.E. — Rio Claro, SP)

Quer ser Religioso?



Como Sacramentino:

- padre
- irmão
- irmã

você viverá da EUCARISTIA para a EUCARISTIA, sacramento de comunhão e libertação.

INFORMAÇÕES

Sacramentinos

Rua Moreira e Costa, 474
CEP 04266 SÃO PAULO - SP

Rua Sergipe, 175 CEP 30.130
BELO HORIZONTE - MG

Caixa Postal, 1134 CEP 60.000
FORTALEZA - CE

Servas do Santíssimo Sacramento

Rua Divinópolis, 545
04158 SÃO PAULO - SP

QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!

(Recado do Cortês)

MISSIONÁRIO CLARETIANO. POR QUÊ?



Para anunciar:

Justiça
Fraternidade
Verdade
Salvação dos Povos
A Civilização do Amor...

Por todos os meios possíveis:

Missão
Paróquias Rurais e Urbanas
Imprensa
Colégios...

*Quer ser missionário Claretiano
com a gente?*

Escreva para um desses endereços:

Filosofado Claretiano
R. D. Bosco, 466
Caixa Postal 04
Fone: (016) 761-5145
14300 Batatais, SP

Teologado Claretiano
Av. Getúlio Vargas, 1193
Caixa Postal 153
Fone: (043) 222-8115
80000 Curitiba, PR

Seminário Claretiano
Av. Pe. Claret, 2353
Caixa Postal 23
Fone: (0512) 73-1566
93250 Esteio, RS

Seminário Claret
Av. Um (Fim)
Caixa Postal 136
Fone: (0195) 24-2048
13500 Rio Claro, SP

Seminário S. Antônio M. Claret
R. Bueno Brandão, 495
Caixa Postal 115
Fone: (035) 421-1108
37550 Pouso Alegre, MG

Felizes os que creem sem ver

ISSO ERA ANTIGAMENTE. AGORA, FELIZES
SÃO AQUELES QUE CRÊM APESAR DE
TER VISTO!

"VOCÊS SÃO A
LUZ DO MUNDO"
— DISESSE O
SENHOR!

QUERIDOS
IRMÃOS: SE
NÓS SOMOS
ESSA LUZ...

CUIDADO
COM O
ERRO!

CUIDADO
COM TODAS
ESSAS NOVAS
HERESIAS!

CUIDADO
COM AS
IDEIAS
CONFUSAS!

CUIDADO
COM AS
DOCTRINAS
AMBIGUAS...!

MAMÃE!
POSSO IR
NA RUA
BRINCAR UM
POUCO?

"ELE VEIO PARA O MEIO DE SEUS COMPANHEIROS,
MAS ELAS NÃO O RECEBERAM."

POIS ME
PUSERAM PARA
FORA PORQUE
ESTAVA RINDO...



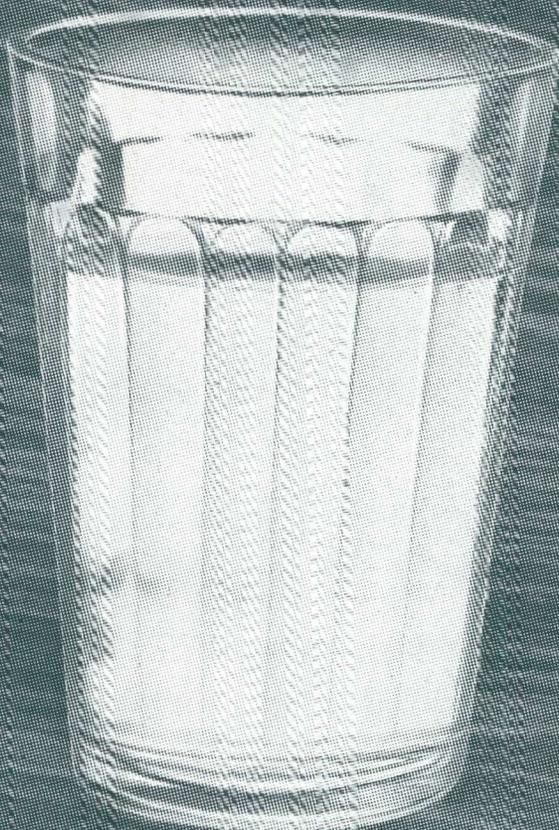
2 medidas rasas ou
1 punhado de açúcar

1 medida rasa ou 1 pitada
de 3 dedos de sal

Contra a diarreia, esta receita vale uma vida.

1 copo de água limpa

A diarreia mata neste país. Mata porque provoca a desidratação. Mata 60.000 crianças por ano. Um quadro quase que irreversível não fosse a reidratação oral: uma forma de se devolver ao corpo da criança desidratada todo o líquido perdido. E existe um tipo de reidratação ao alcance da população sem recursos. Um remédio caseiro e muito eficaz: O Soro Caseiro. Para que todas as crianças tenham vida, a CNBB - através da Pastoral da Criança e com o apoio do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, da Sociedade Brasileira de Pediatria, e do



Unicef - está lançando a Campanha do Soro Caseiro. Com a distribuição de colíteres de medidas para o preparo do soro, disponíveis nas igrejas e suas comunidades, e uma ampla divulgação nos meios de comunicação, esta campanha vai ensinar o povo a combater o pior da diarreia: a morte. E pensar que isso é possível com uma simples receita caseira.

**Campanha
do Soro
Caseiro** 



Apoio: Conselho Nacional de Igrejas Cristãs
Sociedade Brasileira de Pediatria
UNICEF
Conselho Nacional de Propaganda

MARIA, sempre grávida

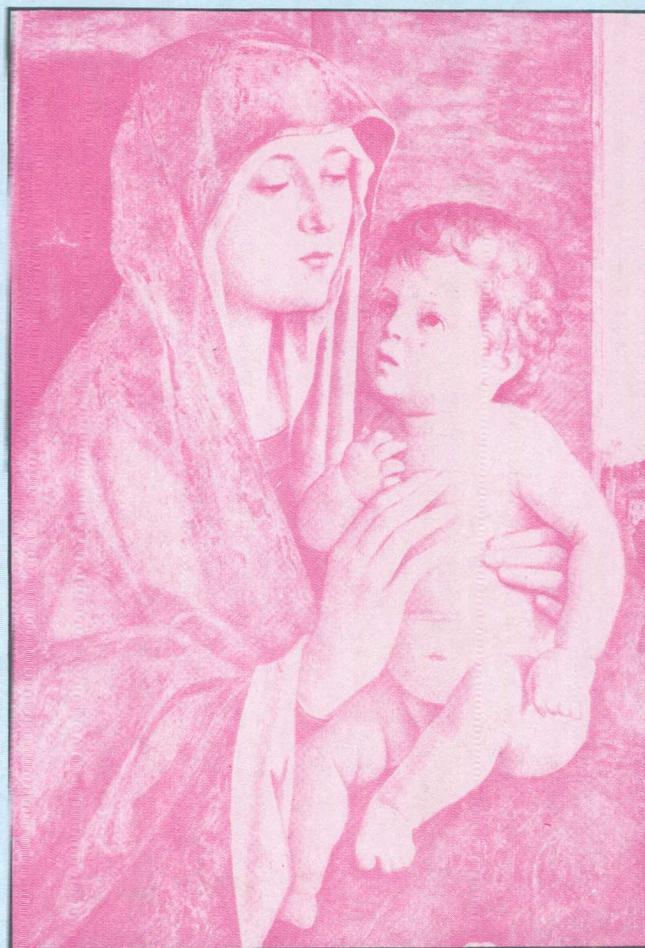
Ó Maria, quando eu era criança, amava ver-te segurando nos teus braços o menino Jesus. achava tão linda e tão maternal esta tua atitude. Um dia de vento úmido, frio e penetrante, apoiando o nariz contra a vidraça, perguntei a mim mesmo se o teu filho Jesus nunca ia crescer, se ele era destinado a permanecer criança para sempre.

Ó Maria, nós precisamos ver o teu Cristo descer dos teus braços, e caminhar conosco pelas estradas esburacadas da nossa vida, pelas sendas sem rumo de nossa existência. Se eu fosse pintor, ó Maria, faria teu retrato dando-te as formas de uma mulher sempre grávida. Quero contemplar em ti os sinais bem visíveis da tua gravidez. Tu, ó Virgem, não deste à luz só um filho, mas dás à luz milhões de filhos. Gostaria que em todas as Igrejas se difundisse a devoção à Maria grávida de fé, de esperança e amor, que todos os homens pudessem te louvar e dirigir a ti, ó Virgem, o grito novo do mundo de hoje:

“Maria sempre grávida, rogai por nós”.

A Igreja, pelo ministério da autêntica evangelização, não pára de gerar para si mesma e para o Reino novos filhos. Como o feto se nutre do sangue da mãe, se alimenta da carne da mãe, transformando-se por dentro, assim a Igreja gera novos filhos, transformando-se a partir de dentro, renovando a própria humanidade num verdadeiro renascimento. É neste parto sempre renovado que tu, Maria, és nossa mãe. Maria gloriosa no céu atua na terra. Participando do domínio de Cristo ressuscitado, cuida com amor materno dos irmãos de seu filho, que ainda peregrinam.

O maior cuidado de Maria, na história do momento presente, grávida de audaciosa esperança, é que os cristãos tenham vida abundante e cheguem à maturidade da plenitude de Cristo. Cuida, ó Virgem Maria, dos teus filhos! Não permitas que em nós morra a sensibilidade pelos grandes problemas do



mundo de hoje; não permitas, ó Maria, que nos acomodemos no nosso conforto, e satisfeitos do nosso bem-estar sejamos insensíveis ao grito de fome, de revolta, dos que sofrem sob o peso de leis injustas e opressoras. Cuida, ó Virgem, da Igreja, para que ela não se venda, por uma falsa paz, ao poder dos fortes; fazei que todos os pastores tenham o seu sono perturbado, pelos gritos de milhões de seres humanos que choram pelas cadeias e morrem pelas torturas desumanas. Cuida de todos os que se dizem cristãos, para que as palavras do evangelho, que proclamam sem cessar, não sejam desmentidas com uma vida hipócrita e tranqüila. Cuida, ó Maria, de nós, para que em nós o Cristo não permaneça criança de presépio, mas se torne o Cristo adulto que, percorrendo as nossas estradas, caminha ontem como hoje para o Calvário, por amor à verdade e ao bem. Não sejamos seres raquíticos e atrofiados, mas homens adultos na equipe do nosso Cristo.